



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

EDVALDO CARDOSO DE OLIVEIRA JÚNIOR

**DE COPAOBA À SERRA DA RAIZ/PB: entrelaços contextuais para um melhor
ensino sobre lugar e cotidiano**

**GUARABIRA/PB
2018**

EDVALDO CARDOSO DE OLIVEIRA JÚNIOR

DE COPAOBA À SERRA DA RAIZ/PB: entrelaços contextuais para um melhor ensino sobre lugar e cotidiano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Geografia, educação e cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

**GUARABIRA/PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O148c Oliveira Junior, Edvaldo Cardoso de.
De Copaoba à Serra da Raiz/PB [manuscrito] : entrelaços contextuais para um melhor ensino sobre lugar e cotidiano / Edvaldo Cardoso de Oliveira Junior. - 2018.
72 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva ; Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Copaoba. 2. Serra da Raiz-PB. 3. Geografia escolar. I.
Título

21. ed. CDD 910

EDVALDO CARDOSO DE OLIVEIRA JÚNIOR

**DE COPAOBA À SERRA DA RAIZ/PB: entrelaços contextuais para um
melhor ensino sobre lugar e cotidiano**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

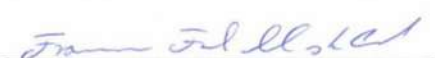
Área de concentração: Geografia, educação e cidadania.

Aprovada em: 13/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Ivanildo Costa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô materno José Teixeira de Pontes, *in*
memorian.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho constitui um ponto de vista, um sumário da produção do saber e das instruções acumuladas enquanto minha experiência de vida, aprimorados durante o período de discência acadêmica na UEPB – Campus III. O conhecimento sobre o dia a dia de Serra da Raiz/PB foi desencadeado juntamente com a noção de pertencimento ainda nos tempos de infância e adolescência, quando fui testado em trabalhos duros, inclusive, sofrendo bullying na escola por ter que trabalhar e ajudar aos meus pais a complementarem a renda familiar. Porquanto, agradeço primeiramente ao Deus Criador de todas as coisas, conseqüentemente, ao meu pai, Edvaldo Cardoso, e à minha mãe Maria da Luz, por me instruírem para um caminho de dignidade e perseverança juntamente com meus irmãos Gildemar, Daniele e Adriana.

Após minha “diáspora” por cidades da região e sucessivas portas de emprego, instituí família com minha esposa e fiel companheira Pollyanna Lima, objetivando uma conseqüente volta a residir no lugar de origem e poder criar nossos queridos filhos Pedro Emanuel e Anna Luísa nessa tão singela cidade de Serra da Raiz/PB, o que resultou em um despertar pela temática lugar e cotidiano como incumbência de ofertar à cidade um trabalho reflexivo e significativo. Então, agradeço a todos e todas que contribuíram para essa trajetória e para a construção desse trabalho, forjado percentualmente mediante a ponderação e reflexão de minha experiência de vida e esforço acadêmico, mas grato, especialmente, à minha família, a base que me trouxe um significado especial para tudo isso.

Agradeço imensamente aos amigos que me apoiaram durante a caminhada na UEPB – Campus III, sobretudo pela companhia e partilha em ricos momentos de aprendizagem. Muitos são os nomes, por isso faço homenagem aos demais no nome de Marianna Moreira, Rafaela Ravena, Erica Cabral, Dayane Fidelis, Amanda Nágilla, Juliane Vitorino, Débora Dantas, Ruan Carlos, André de Queiroz e o historiador Julio César. Reconhecendo como importante o obséquio da instituição Polícia Militar do Estado da Paraíba, através do incentivo dos amigos da 3ª Cia do 4º BPM, Capitão Leite, Sargento Luís Antônio e o Soldado Wallace Amaral.

Externo, ainda, gratidão à minha tia e primeira grande professora de Geografia, Maria do Socorro Teixeira Gomes, manifestando como peculiar minha gratidão ao professor orientador Luiz Arthur, que norteou a realização desse texto considerando e aprofundando nos meus ideais. Destaco, satisfatoriamente, meu respeito e admiração pelo professor de Geografia urbana Fábio Dantas, pela disponibilidade e grande auxílio, assim como aos professores dos demais componentes curriculares do curso, por me trazerem entusiasmo, afeto à Geografia e por terem colaborado para a concretização desse trabalho.

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna...

Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoço, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente...

Serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa elevação, por de traz deles...

Pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna?

Platão

RESUMO

De Copaoba à Serra da Raiz/PB transfigura uma ideia de como o estudo do lugar e cotidiano é essencial para trazer ao aluno a compreensão de relações geográficas espaciais. Por isso, o objetivo que norteou a elaboração deste trabalho foi o de contribuir subsidiariamente com os professores, através da reflexão e confronto com o texto, para que os mesmos façam uso alternativo dessa ferramenta pedagógica e possam levar os estudantes de ensino fundamental e médio a uma melhor interpretação geográfica de Serra da Raiz/PB. Pois, nas escolas, a maneira como está sendo abordado o ensino de Geografia não tem acompanhado as carências e as transformações sofridas pela sociedade. Nessa expectativa, os fundamentos do presente trabalho foram alicerçados em consultas a obras que permitiram analisar a geo-história de Serra da Raiz/PB, assim como de autores que proporcionaram a compreensão da importância do estudo do lugar e sua interação com o sistema mundo, com proximidades voltadas para uma visão holística, não menos importante daqueles que trouxeram destaques à crise pela qual passa a Geografia escolar brasileira. Para tanto, contou-se com o apoio de observações diretas e recorreu-se ao auxílio do método dialético, sob uma explicitação das contradições da realidade, haja vista que a unidade e luta dos contrários põe o cenário sob o contexto em que buscar a realidade é algo fundamental para contestar o concreto prosseguimento das problemáticas vivenciadas.

Palavras-chave: Copaoba, cotidiano, geografia escolar, lugar, Serra da Raiz/PB.

ABSTRACT

From Copoaba until Serra da Raiz/PB transfigures an idea of how the study of the place and daily it is essential to bring to the student the understanding of spatial geographic relations. For this, the goal that guided the elaboration of this work was to contribute subsidiarily with the teachers, through the reflection and confrontation with the text, to them make alternative use of this pedagogical tool and direct to the students of elementary and high school, to a better geographic interpretation of Serra da Raiz/PB. Because, in schools, the way in which the teaching of geography is approached, it is not following the lacks and the transformations suffered by society. In this expectation, the fundamentals of this work, was consolidated on the consultation of others works, in which, permitted analyze the geo-history in Serra da Raiz/PB, thus, as the authors who provided an understanding of the importance about the place and your interaction with world system, with proximities turned to a holistic vision, not least of whom brought out the crisis where the Brazilian geography school is living. Therefore, supported by direct observations and resorted by the aid of the dialect method, under an explanation through the reality contradictions, sighted in the unit and contraries' fight, submit the scenery under the context where search the reality it is essential for contest the concrete continuation of the problematics lived.

Keywords: Copoaba, daily, school geography, place, Serra da Raiz/PB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Ruínas da Escola Municipal do Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira
- Figura 2** – Atual local de funcionamento da escola
- Figura 3** – Localização geográfica da antiguíssima Copaoba
- Figura 4** – Primeiro sítio arqueológico catalogado no Brasil, Loca da Nega, Serra da Raiz/PB
- Figura 5** – Molduras rupestres da Loca da Nega, catalogadas no século XVI
- Figura 6** – Praça Iniguaçu, Centro de Serra da Raiz/PB
- Figura 7** – Prática interativa entre alunos e Índios
- Figura 8** – Uma prática com o uso do livro didático
- Figura 9** – Registro de fenômenos climáticos
- Figura 10** – Identificando ações antrópicas sobre as paisagens
- Figura 11** – Temáticas sugeridas pelos alunos
- Figura 12** – Registro dos diálogos
- Figura 13** – Criação de gado e a devastação de uma das nascentes do rio Camaratuba
- Figura 14** – Registro de atividades na produção da Cachaça Serra Limpa
- Figura 15** – Instalações em ruínas do antigo engenho Boa Vista
- Figura 16** – Questão de concurso público estadual relacionada a antiga Copaoba
- Figura 17** – Área Externa do condomínio Mirante da Serra
- Figura 18** – Área interna do condomínio Mirante da Serra
- Figura 19** – Registro de culturas agrícolas no loteamento Villa Flores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ESTUDO DO LUGAR: importância, utilidade e obstáculos que circunstanciam sua efetivação	17
CAPÍTULO 2 – UM OLHAR GEOGRÁFICO A PARTIR DA ANTIGUÍSSIMA COPAIBA	29
CAPÍTULO 3 – PARA SE FAZER CONHECER OS PASSOS E DESCOMPASSOS CONJUNTURAIS DE SERRA DA RAIZ/PB	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Para se analisar o espaço geográfico não basta desvendar as suas múltiplas dimensões atuais. Há que se investigar também o processo histórico que lhe deu origem, pois aí estão, muitas vezes, os segredos da sua boa interpretação (ABREU, 2011, p. 566).

De Copaoba à Serra da Raiz/PB representa um extenso recorte espaço-temporal caracterizado por amplas variações que, mediante o estudo do lugar e do cotidiano, pode trazer ao aluno a compreensão das relações geográficas espaciais locais. Todavia, as interfaces da Geografia constituem um elemento pelo qual se permite fazer uma ligação lógica entre o passado remoto de Serra da Raiz/PB e os dias atuais, em cujas reflexões e interações trazem luz às lacunas e incógnitas dos reais motivos que ocasionaram as transformações das paisagens e a evolução social, à medida que as manifestações selecionadas representam um certo esforço como periodizações,¹ constituindo, assim, uma soma ou síntese da história analisada. Esse raciocínio é o ponto de partida para descrever paradigmas e termos substituíveis que estruturam não apenas o cenário proposto, mas também para trazer uma visão crítica sobre paradoxos concernentes ao sistema educacional brasileiro, aludindo a importância sobre o estudo do lugar e cotidiano e referenciando-o como uma alternativa para que o professor leve ao aluno a compreensão de aspectos que integram a totalidade do seu mundo próximo.

Hodiernamente, o estudo do lugar e do cotidiano, essencial à compreensão das relações espaciais de Serra da Raiz/PB, não é um tema que compõe diretamente o conteúdo curricular das escolas locais. Assim, traz-se uma proposta não apenas de um assunto específico a ser ministrado na sala de aula, mas de uma temática a ser refletida e sobre a relevância de veicular esse estudo, efetivamente, na Geografia escolar, com coerência inteligível, demonstrando a realidade dos fatos com eficiência, continuamente e, sempre que indispensável, relacionar os temas gerais e mundiais com os processos e características locais, considerando, semelhantemente, o estabelecimento de interdependência das escalas que constroem os espaços integrados globalmente.

Contudo, o estudo do lugar e do cotidiano pode alinhar-se como uma proposta pedagógica para um ensino construtivo, que reúna elementos de conhecimentos críticos e instrumentalizadores, atinentes não apenas para educandos, mas também para o crescimento

¹ Referência análoga a Santos; Silveira (2008) quando apresentam a periodização mediante o espaço de uso, sucessivamente, os meios geográficos no Brasil, apontando três grandes momentos identificados como: os meios naturais, técnicos e técnico-científico-informacional, além do período técnico-científico entre os dois últimos meios.

dos professores e de toda a sociedade circundante. Sobre a necessidade dessa realização no ensino, foca-se a cidade local e o espaço de vivência:

O aluno “aprende” (ou reproduz verbalmente) todas essas definições que compõem o conteúdo sobre a cidade, acompanhada de inúmeras informações sobre diferentes cidades do Brasil e do mundo, mas não consegue utilizá-las para analisar fatos e fenômenos com os quais lida no dia-a-dia, maioria das vezes, nada disso compõe o conteúdo curricular da escola (CAVALCANTI, 2008, p. 10, grifos nossos).

O objetivo que norteou a elaboração desse trabalho foi o de contribuir, subsidiariamente, com os professores através da reflexão e confronto com o texto, para que os mesmos façam uso alternativo dessa ferramenta pedagógica e possam levar os estudantes de ensino fundamental e médio a uma melhor interpretação geográfica de Serra da Raiz/PB, assim como possibilitar a esses estudantes uma leitura do real, à medida que os condicionem a fazer a própria análise sobre o lugar e do cotidiano mediante o que foi para eles apresentado. Com isso, abordar a complexidade entre espaços, tempos e a dinâmica da sociedade local, especificamente, perante as influências globais. Porém, sob a expectativa de que todo o esforço não se conote numa mera criação de um catálogo panorâmico para educadores, e sim que se transfigure num singelo recurso de auxílio para a Geografia escolar potencializar o aprendizado dos respectivos educandos, não perdendo de vista os fatores peculiares do lugar, aqueles que distinguem e agregam ideias, sentidos, cultura e símbolos dos que habitam esse cenário.

A razão que motivou tal objetivo explica-se pelo fato de que nas escolas, a maneira como está sendo abordado o ensino de Geografia não tem acompanhado as carências e as transformações sofridas pela sociedade. Diante desse quadro, é fundamental que o professor de Geografia introduza nas suas aulas o estudo do lugar e do cotidiano como uma prática construtiva, pois é necessário ousar com atitudes que possibilitem ao aluno a compreensão e importância das relações no espaço de realização de suas experiências, tanto para a constituição de identidades, quanto para a autêntica noção de pertencimento da sociedade de que ele faz parte, nesse ponto, destituir como Serra da Raiz/PB tem importante valor histórico e cultural, especialmente para o estado da Paraíba, mas, atualmente, encontra-se depreciada com tais valores postos ao esquecimento, além de enfrentar problemas em outras ordens e níveis políticos, sociais e econômicos.

Deliberadamente, esse trabalho tende a ajudar na reflexão e na visão “não romântica” dos questionamentos para a situação ora vivenciada, além de suscitar a importância da disciplina de Geografia, ganhando notoriedade e reconhecimento, possivelmente, através de um estudo focado na construção e problematização da geo-história, a partir das culturas humanas locais antes e após a influência e dominação europeia, na análise das diversas paisagens que

estruturam o espaço geográfico do município, seja a urbanização ou, diretamente, dos fatores que o arremeteram a essa situação de pesar, na forma como se conecta com o mundo, enfim, de tudo que o faz censurável e de confuso entendimento para os alunos e concidadãos serrano raizenses, trazendo explicação, clareza e evidências sobre as discrepâncias no lugar instaladas.

Para se incrementar e firmar essa práxis na sala de aula, inevitavelmente, considerações devem ser postas e, nessa condição, alguns dos principais entraves serão mencionados, a despeito de uma necessidade de mudanças estratégicas didático-pedagógicas² em parte da Geografia escolar vigente, a qual não acontece apenas em Serra da Raiz/PB, mas em todo o país, sobretudo por ainda apresentar inadequações quanto ao trabalho com o conhecimento geográfico, com metodologias conservadoras de regências de aulas que contém acentuado potencial de descrição, memorização de fatos e dados, enciclopedismo e inutilidade de muitas informações.

Dessa forma, incide-se sobre a iminente necessidade de mudanças na abordagem do ensino geográfico para reestabelecer o compromisso social da disciplina como propagadora de um ensino capaz de esclarecer as relações socioespaciais, suas tensões e contradições, apontando o contexto do lugar e a sua interação com o mundo, com o funcionamento da natureza, leitura da realidade, da igualdade, dos valores democráticos, enfim, dos direitos civis, sociais e políticos inerentes ao cidadão. Pois é no lugar onde o homem desenvolve, cotidianamente, suas ideias, seus trabalhos, sua vida, tornando indispensável e necessário um melhor conhecimento sobre a realidade imediata, possível através de uma formação educacional efetiva, sólida e contínua.

Todavia, são notórios os principais requisitos que propiciam a estagnação do ensino e aprendizagem da Geografia escolar. As diretrizes do ensino, enquanto projeto educativo, têm se voltado para o conteúdo programático, um projeto escolar que se associa a um plano educativo formalizado, de cultura objetivada, alienadora e com conteúdo previamente definido, por vez que nas escolas tais conteúdos são ministrados, muitas vezes, com o objetivo de avançar os alunos para as séries seguintes ou somente para se ter uma aprovação no ENEM, sem prepará-los para uma formação do caráter, para a vida, para a autonomia, depreciando o intelecto dos indivíduos, desconsiderando as questões emocionais, afetivas, demonstrando um dos grandes “pecados” por não ter uma aprendizagem significativa, um ensino atrativo, reflexivo e que elucide a realidade.

² Faz referência reflexiva a Libâneo (2013).

A saber, o ensino geográfico pode ser um instrumento de libertação³ para o aluno quando estabelece um rompimento com a neutralidade do estudo, sobretudo com a proposta de engajamento e criticidade junto à toda conjuntura social, econômica e política. No tocante à aplicação dessa prática nas aulas de Geografia de Serra da Raiz/PB, esta é possível e essencialmente precisa, pois a abordagem é abrangente e para o lugar estão pertinentes todas as características do processo, as quais devem ser compreendidas não apenas por parte da negligência da Geografia escolar, mas também pelas circunstâncias históricas de estar inserida no funcionamento antagônico de um sistema educativo, político e econômico, deveras contraditórios.

Entretanto, nenhum lugar pode ser excluído, mesmo a cidade encontrando-se segregada. Por isso, a compreensão do lugar e do cotidiano, mediante as relações geográficas espaciais de Serra da Raiz/PB é de suma importância para os educandos e para toda a sociedade local, tanto a eficiência quanto a persistência dessas práticas contornam a problemática como evidencia Vesentini:

Só a prática docente nas salas de aulas – e também fora delas, com estudos do meio participativos, por exemplo – é que irá engendrar uma geografia escolar crítica, voltada a contribuir para a formação de cidadãos plenos. E tal tarefa é ininterrupta, o que vale dizer que não se deve encontrar uma receita, um modelo acabado para ser constantemente reproduzido, mas sim que o buscar deve ser uma meta sem fim, que o renovar e sempre experimentar novas atividades e conteúdos é condição *sine qua non* para um ensino que não sirva às relações de dominação (VESENTINI, 1994, p. 179, grifos nossos).

Nessa expectativa, os fundamentos do presente trabalho foram alicerçados em consultas a várias obras que permitiram analisar a geo-história de Serra da Raiz/PB, assim como de autores que proporcionaram a compreensão da importância do estudo do lugar e sua interação com o sistema mundo, com proximidades voltadas para uma visão holística, não menos importante daqueles que trouxeram destaques à crise pela qual passa a Geografia escolar brasileira, mediante o decurso de esterilidade desempenhada pela usurpação e favorecimento ao antagonismo do Estado. Contudo, para a requisitada pesquisa de campo, contou-se com o apoio de observações diretas (haja vista o pesquisador ser morador do local há 34 anos), mas o que permitiu sistematizar mais adequadamente o diálogo entre as proposições teóricas da narrativa e a realidade situacional do ensino de Geografia no lugar investigado foi o período de estágios supervisionados nas escolas João Nepomuceno de Oliveira, entre 15 de janeiro e 29 de

³ Em concordância com as ideias de Freire (1974 e 1987).

novembro de 2017, e Maria José de Miranda Burity, compreendido entre 01 de março e 04 de junho de 2018.

Porventura, recorreu-se ao auxílio do método dialético, sob uma explicitação das contradições da realidade, haja vista, que a luta dos contrários põe o cenário sob o contexto em que buscar essa realidade é algo fundamental para contestar o concreto prosseguimento das problemáticas vivenciadas. No entanto, este método foi empregado para analisar o processo histórico e a evolução, sobretudo, dos componentes sociais, bem como do abandono e descaso com a educação num conjunto de confrontos com o modelo político e econômico supracitados.

Assim, pretende-se aludir especialmente como habitual e necessário o estudo do lugar e do cotidiano, em seguida, mensurar possíveis adequações a serem estabelecidas pela disciplina de Geografia e quanto ao próprio projeto pedagógico da escola, assim como a iminente necessidade de capacitação dos professores, uma vez questionados o rendimento e a postura didática dos mesmos frente às exigências pedagógicas e necessidades da sala de aula. Nesse meio tempo, partilhar com as multifaces da disciplina para a construção de um sistema de análises e interpretação desde a antiga Copaoba aos atuais dias de Serra da Raiz/PB.

Proporcionalmente, os versos de toda a abordagem reconsideram como o conteúdo da Geografia exige um preparo considerável por parte dos professores, uma vez que nos próprios livros didáticos, assuntos da Geografia física têm ausência de envolvimento com os da Geografia humana, tornando-se indispensável remeter à dimensão e simetria da ocorrência desses fatores no espaço geográfico local. Assim também, como esses assuntos devem ser interligados uns com os outros e trazer para o concreto o que para os alunos está sendo abstrato. Dessa forma, ressaltando como essa intermediação feita pelo professor cria uma ponte de ligação entre os conteúdos abordados e sua efetiva aplicação no que se sucede no dia a dia dos alunos.

CAPÍTULO 1 – ESTUDO DO LUGAR: importância, utilidade e obstáculos que circunstanciam sua efetivação

O estudo do lugar e do cotidiano é de essencial importância por conter a faculdade de proporcionar imensas contribuições para a Geografia escolar no âmbito local, mas também sob uma proposição como categoria de análise imprescindível para se compreender o funcionamento de processos globais. Dessa forma, possibilita pensar o lugar onde o sujeito vive e os vínculos que se estabelecem entre o homem e o seu habitat, além de condicionar à interpretação das realidades, das intrínsecas relações entre os indivíduos e da própria transformação das paisagens locais, a critério, se inserem nesse contexto, o mérito e a potencialidade na investigação das conexões com fenômenos externos e das principais características de um espaço permeado em virtude de uma composição híbrida, marcado por suas peculiaridades e por traços de heterogeneidades provenientes da fusão de culturas mediante a globalização.

Para Carlos (1994), enquanto traço da modernidade que anula fronteiras, o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno. Esse pequeno trecho pode assinalar como os lugares vêm se tornando gradativamente mundiais à medida que se distinguem e complementam-se concretamente, contudo, o lugar revela-se como parte integrante na funcionalização do todo. Nisto se alega tal importância do estudo do lugar, assim como a percepção de que em Serra da Raiz/PB, uma pequena cidade de uma região pobre como o Nordeste brasileiro, que apresenta intensa viscosidade e ritmo mais lento dos fluxos de renda, serviços e comércio, o que também a torna pouco diversificada, mas contém características próprias, particularidades que a distinguem e a torna especial, como a sua valorosa história, os fatores naturais especiais do clima e relevo, aspectos da vegetação e dos solos férteis, assim também como particularidades da cultura, hábitos e, principalmente, das intrínsecas relações entre os seus habitantes.

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o *lugar* se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. Só é possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar na medida em que este for analisado num processo mais amplo – aquele que pensa a sociedade urbana. Mas é no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade (CARLOS, 1994, p. 303).

Nesse panorama, surge uma necessidade quanto a uma definição mais precisa sobre o que de fato pode ser entendido por lugar, todavia, conceituar converge para uma dificuldade de amplitude mais epistemológica dessa questão, na razão de que direciona para um termo que

abrange um conjunto de aspectos pelos quais apresentam divergências ao limitar uma indicação como seu verdadeiro significado. Destarte, pretendemos dialogar com os pontos de congruência a partir da evolução das reflexões e dos ensejos que conotam o significado de lugar, que, por sua vez, podem abranger um repensar enquanto o espaço das experiências vividas pelos sujeitos, atrelado por uma noção que afirma e estreita os laços de pertencimento, além disso, se estende a manifestação do viés que o pensa como um caráter único dentre o global, mas que se caracteriza em um espaço de realidades configuradas pelas relações de poder.

Sendo assim, o lugar se torna um requisito de utilidade para que o indivíduo reflita sobre a própria constituição da identidade por meio das representações do seu ambiente concreto, forjado constantemente pela sistêmica transformação cultural que dinamiza as variações da ótica sobre cada experiência humana, seja dentro das subjetividades ou das muitas realidades. Isso é o que torna todo esse contexto sobre o lugar em um objeto de reflexão crítica, evidentemente, devendo ser melhor trabalhado nos conteúdos de Geografia escolar, por demonstrar tamanha propriedade e permitir identificação dos alunos com a relevância dos assuntos interpostos, com os problemas que circundam o cotidiano, tipificando assim um parâmetro com carência de frequência estável no processo educacional.

Para a missão docente, é interessante fazer com que o aluno conheça o mundo a partir do lugar onde vive, mas, para isso, é preciso que o professor tenha um bom conhecimento sobre esse espaço, o caráter dos aspectos e da simbologia representativa que ele pode desempenhar para cada indivíduo. Quanto à conexão positiva, o vínculo afetivo existente entre o sujeito e o lugar segue a linha do que pode ser entendido por topofilia, um sentimento afetivo agradável que tem significação por si próprio, independentemente da relação com outros lugares. Um exemplo claro pode ser percebido na poesia romântica “A canção do Exílio”, de Gonçalves Dias⁴: em um momento histórico em que emergiu um forte sentimento de nacionalidade brasileira dado na expressão “minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”. Outro exemplo importante e ainda mais pertinente para refletir sobre topofilia é designado por Tuan (1983): “Por que vocês não deixam a floresta? Não podemos sair de nosso lugar. Por quê? Amamos ficar em nossa floresta. Gostamos daqui. É um lugar tranquilo para dormir. É tépido. Não é ruidoso”.

As contribuições de Tuan para o estudo do lugar são imprescindíveis, marcadas como um alicerce organizado em princípios fundamentais para se esquadrihar os sistemas entre os vínculos de pertencimento dos sujeitos e os seus lugares, traçados pela significação e a

⁴ Antônio Gonçalves Dias, poeta romancista brasileiro que escreveu a obra *Primeiros Cantos* no século XIX.

exposição representativa mediante a acepção das simbologias. Na visão de Oliveira (2012), quando fazendo análise ao trabalho de Tuan, o enuncia consistindo em reunir ao lugar uma ligação próxima a estreiteza, cordialidade, ou mesmo de intimidade entre sujeito e o lugar:

Para esse geógrafo, a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois o espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que esse espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante da nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. Conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós (OLIVEIRA, 2012, p. 11).

Por essa lógica, atribuir sentido é possível mesmo perante as sucessivas mudanças acometidas nos lugares, onde, razoavelmente, nasce a especificidade que proporciona a análise das relações com os agentes externos e a própria afirmação de uma identidade particular do lugar, em cuja maior ou menor intensidade dessa influência bilateral enverga uma nuance como pontos que se complementam, evitando assim se chegar a extremismos e a suposição de uma necessidade moderna de superação de um lugar sobre o outro.

A nova natureza dos lugares, que é observada, não os torna, entretanto, sem pertinência para compreender a modernidade: essa natureza torna-os somente um desafio maior para a análise. Os indivíduos ou os grupos sempre teceram os laços entre identidade e espaço, como refletidos nas paisagens, que resultam de atividades rotineiras ligadas a um gênero de vida tradicional ou que sejam o resultado voluntário de princípios cosmológicos antigos, ou ainda de ideais modernos de racionalidade. A característica dominante dos lugares no seio da modernidade é sua mutabilidade: ora, ela é igualmente característica do sujeito moderno e de seu sentido de identidade (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 101).

Entretanto, o professor, mediante o estudo do lugar, pode levar o aluno ao mundo através da pormenorização dos processos que o circunstanciam em seu cotidiano, sobretudo os processos produtivos e o eventual consumismo em escala global. Mas a impulsividade na conduta desse estudo pode aflorar em campos de atuação em que os sentidos não sejam capitados com nitidez pelo educando, carecendo assim que o professor trabalhe com exemplos claros ou simplificados e problematizando aquilo que está ao redor, à vista e do interesse dos alunos. Por outro lado, o que também é básico, não se pode confundir lugar e local, além de que há uma profunda relação existente, mas existem diferenças entre lugar e território, assim como lugar e espaço.

Local é entendido como uma região física que limita a ação (em contraposição ao global), onde a proximidade se impõe e mecanismos de poder possuem processos e gêneses claramente identificados, permitindo a concentração da ação. Já lugar está associado a um âmbito mais visceral de relação simbólica entre as pessoas, a cultura

e os grupos sociais, na esteira dos geógrafos humanistas, como Tuan (MARANDOLA JR, 2012, p. 238, grifos nossos).

O lugar tem os vetores de sua base mais aprofundados numa “dimensão cultural-simbólica”, por isso difere de outros termos que se definem por outras categorias, a exemplo de território e espaço que são conceituados noutras dimensões ou ênfases, onde território é um espaço ocupado numa extensão de determinação política, enquanto espaço configura uma extensão concretamente percebida. Consequentemente, o lugar mantém relações diretas com esses outros dois conceitos.

No caso do conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais *imediatamente* perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado. [...] Se todo lugar é um espaço social, nem todo espaço social é um “lugar”, ao menos no sentido forte aqui especificado: o espaço social é aquele espaço produzido socialmente, fruto da transformação e aproximação da natureza, ao passo que um lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido (SOUZA, 2013, p. 115-117).

Valida-se que o descuido com a abordagem do conhecimento do mundo próximo ao educando e suas reais condições de vida afetam a importante relação entre os conteúdos fundamentais de aprendizagem e a materialização do aprendizado geográfico no dado espaço cotidiano, o que atribui ao professor o compromisso de exercer o método didático por uma expectativa de empenho e adequação das necessidades da sala de aula de Geografia. Dessa forma, é indispensável que, além do convencional estudo do lugar, se façam relações entre os outros temas estudados com exemplos evidentes, em conformidade com proporção e causas, à medida que acontecem comumente e de modo sucessivo no espaço de vivência. O resultado pode ser uma melhor percepção de como as coisas acontecem e o ganho de significados de vários fenômenos da organização das atividades humanas, da natureza e da própria vida, como se estabeleceram historicamente as expressões da questão social, seus traços, funcionamentos, assim de vários outros aspectos e situações que compõem esse meio e os pontos de conexão com os outros lugares.

Mas o desabrochar da análise conduz para os entraves de assuntos relevantes e expressivos do cotidiano, onde a estagnação do ensino e aprendizagem da Geografia escolar tem como requisito principal as limitações no processo de abordagem, porquanto, a tendência tradicional do ensino, por uma cronologia histórica se estabilizou, propagando um caminho a ser seguido onde não é possível uma maior interação entre professor, aluno e os conteúdos estudados, além de impossibilitar que o educando tenha uma participação ativa no seu processo

de aprendizagem. Essa pode ser uma inter-relação de circunstâncias e de atividades úteis para também se pensar sobre os efeitos da parcialidade do Estado em benefício e manutenção das disparidades das relações de poder, como uma contrapartida podemos refletir em praticar associações entre as tendências de ensino para se obterem melhores resultados:

Toda ação educativa para que seja válida, deve, necessariamente, ser percebida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida deste homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque, o homem se torna nesta abordagem, sujeito da educação. A ausência de uma reflexão sobre o homem implica o risco de adoção de métodos educativos e diretrizes de trabalho que o reduzem à condição de objeto. Por outro lado, a ausência de uma melhor análise do meio cultural implica o risco de se realizar uma educação pré-fabricada, não apropriada ao homem concreto a quem se destina (MIZUKAMI, 1986, p. 94).

Buscando enumerar alguns dos pontos negativos da ramificada abordagem tradicional, faz-se referência à condição subjacente na condução do processo onde o domínio teórico fica retraído à ação da escola e os esforços sem a participação do aluno, pois ela está fundamentada em uma conjuntura vertical que vem desde o preestabelecimento do conteúdo lecionado à ação do professor, com utilização, geralmente, da exposição dos assuntos estreitando a possibilidade de envolvimento ou ação mútua na comunicação, apresentando inexistência de partilha nas trocas de ideias ao engendrar o aluno como um mero espectador passivo a escutá-las. A ênfase é dada à memorização como se o conhecimento fosse estático, obedecendo a um programa inflexível e repressor.

O homem é considerado como inserido num mundo que irá conhecer através de informações que lhe serão fornecidas e que se decidiu serem as mais importantes e úteis para ele. É um receptor passivo até que, repleto das informações necessárias, pode repeti-las a outros que ainda não as possuem, assim como pode ser eficiente em sua profissão, quando de posse dessas informações e conteúdos. O homem no início de sua vida é considerado uma espécie de *tábula rasa*, na qual são impressas, progressivamente, imagens e informações fornecidas pelo ambiente (MIZUKAMI, 1986, p. 8).

Dentre tantas prerrogativas, os conteúdos também merecem uma atenção especial, sobretudo os da Geografia escolar, que carecem de cuidados mensuráveis para se aplicarem com benevolência social ou de importância material, além dessa condição conservadora que os aproxima apenas de estudos baseados na decoração constituída por listas de nomes, acidentes geográficos, limites e fronteiras. Onde, notadamente com interposições premeditadas e por investidas históricas ainda são as grandes temáticas ofertadas, as quais se distanciam de um ensino elucidativo digno de atenção, ausente de caráter essencial. Porém, tem maior importância uma aproximação orientadora que demonstre um caminho pelo qual o aluno seja

um ponto chave do processo e que os fundamentos ou prerrogativas sejam em razão de capacitá-lo para transformar sua realidade.

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim de que se persegue: permitir ao homem chegar a ser um sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1974, p. 42).

Todavia, o quadro que se tem é contraditório, perverso à proporção que apresenta uma estrutura complexa e destituída de caráter vantajoso para os alunos, especialmente os de baixa renda. Essa situação sugere consigo um chamado para que os professores assumam uma nova postura para inverter nessa lógica, que façam uso de suas habilidades ao menos para melhor relacionar os conteúdos que são obrigados a trabalhar, aqueles que são impostos à Geografia escolar, tornando necessário e fundamental que se criem pontes de mediação que interrelacionem os fatos aos alunos, preenchendo as tantas lacunas existentes entre os recortes e fragmentos da organização geográfica. No entanto, a ação do professor de trazer correspondência e reciprocidade à Geografia pode ajudar a minimizar o problema de conteúdo e o tornar em algo mais trivial, aproximando-se da orientação para o estudo do lugar que reza estabelecer conexões, sobretudo entre o mundo interno e o externo para que se compreenda melhor o cotidiano local.

Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas. Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar (CALLAI, 2009, p. 84).

No mesmo entendimento, deve-se fazer com que o aluno perceba qual a importância das relações no espaço de realização de experiências para a constituição de sua identidade e para a autêntica noção de pertencimento da sociedade de que ele faz parte, seja a escola, a família, a cidade e, até mesmo, o país, conseqüentemente enriquecendo o conhecimento dos eventuais vínculos com o mundo, conferindo, assim, ao ensino geográfico, um caráter participativo. Mas como já foi proferido, a maneira como está sendo abordado o ensino de Geografia não tem acompanhado as carências e as transformações sofridas pela sociedade, uma vez que a Geografia escolar vem se apresentando, teoricamente, com justeza, com reestruturação, mas que exprime a aparência de um pensamento especulativo, não se traduzindo nos fatos, enquanto sua prática conota dissimulações e o não rompimento de velhos paradigmas quanto a abordagem, havendo uma necessidade de intervenções para que a disciplina se adeque a cumprir sua função colaboradora para uma sociedade desenganada. Quanto às reconsiderações das disciplinas, junta-se a seguinte advertência:

Cada vez que as condições gerais de realização da vida sobre a terra se modificam, ou a interpretação de fatos particulares concernentes à existência do homem e das coisas conhece evolução importante, todas as disciplinas científicas ficam obrigadas a realinhar-se para poder exprimir, em termos de presente e não mais de passado, aquela parcela de realidade total que lhes cabe explicar (SANTOS, 2008, p. 18).

A conduta da Geografia escolar ainda expressa descontentamentos quanto aos percursos que tomam suas práticas de ensino, embora existam movimentos de renovação (e que não são recentes), não vêm conseguindo se aproximar de caminhos alternativos como os da interação entre as abordagens do ensino, permitindo conferir mais significado ao ensino de Geografia, bem como os de outras vias que podem torná-lo mais atraente e que também facultam o melhor aprendizado para os alunos. Na verdade, na sala de aula persiste uma continuidade não apenas de reflexos, mas da reprodução de moldes arcaicos, antiquados, anacrônicos, cuja obsolescência prejudicam o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, fruto culminante causado pelo antagonismo exercido pelo próprio Estado em detrimento de uma educação inópia e de resultados desvirtuados.

É marcada pelo enfrentamento dos mesmos problemas evocados: a geografia como era ensinada não atraía os alunos, não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria, o saber por ela veiculado era inútil e sem significado para os alunos, servindo antes, aos projetos políticos de formar um sentimento de patriotismo acrítico, estático e neutralizante; a memorização tornou-se seu principal objetivo e também orientou sua metodologia (CAVALCANTI, 2008, p. 23).

Percebe-se que as dificuldades são enormes para inserir melhores práticas com o estudo do lugar atinente ao esclarecimento da realidade.⁵ Aprecia-se que a escola não se apossou do direito reconhecido de se dirigir, com autonomia, o seu projeto pedagógico, que tem servido apenas como uma orientação específica, ou seja, apenas como uma proposta didático filosófica, ressurgindo a problemática de que não basta funcionar, tem que assegurar que tipo de educação será trabalhada.⁶ Nesse ínterim, pode-se entender que a maioria das escolas têm funcionado com os conteúdos sem um projeto delineado, onde deveria haver um confronto com a insistência da repetição de cópias malfeitas que transpõem a falta de soluções, uma vez que as mesmas ainda não romperam as correntes de amarras que as submetem às divergências das relações de poder.

⁵ Para Santos (2008, p. 161), “a *realidade* de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua, *é a mesma para todos os indivíduos*. É a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular. Mas, como um resultado do trabalho humano – um artefato – O espaço guarda seu caráter objetivo durante suas próprias transformações, a base do conhecimento e da interpretação da realidade espacial não pode, pois, ser encontrada nas sensações ou na percepção. Tal base é sem substância, pois ela é falsa. Só através de sua própria produção é que o conhecimento do espaço é atingido”.

⁶ Remete às reflexões proporcionadas por Gandin (1993).

Essas relações são compreendidas a partir da atuação de uma elite dominante que determina a regularidade do processo onde o Estado tem diligenciado foscamente a possibilidade de melhorias da escolarização para as classes populares, fazendo assim, quanto ao produzir o saber, que a prática educativa contenha contradições e indefinições advindas das lutas de classes. Esse problema é a causa de alienações danosas para a maior parte da população, um retrato fiel disso é a típica marginalização cultural, assim como o conseqüente descrédito aos estudos, ao hábito da leitura, à própria reflexão do pouco que se permite aprender, impedindo que aflore a criticidade e até mesmo o reconhecimento da condição de afligido.

Constando que outro problema nocivo é a neutralização da capacidade de reivindicações de melhorias junto às desigualdades exorbitantes, pior ainda porquanto o sujeito, sob alheios condicionantes como a imposição de inconsciência, assim como a crescente falta de afeição a si mesmo, não consegue se comprometer com o seu mundo real e passa aspirar o estilo de pensar e de se portar da sociedade dominante. Aqui, prevalece o impulso e favorecimento do modelo político e econômico vigente, contando que, muitas vezes, o consumismo “motor do sistema”⁷, é posto como o mais importante elemento para a felicidade e para o próprio sentido da vida, estabelecendo o egoísmo e a competitividade defronte o universo que existe em cada ser humano, sem que se desenvolva o respeito ao semelhante, sem dar créditos ao real significado daquilo que se idealiza por desenvolvimento social. Tudo isso é o que se permite pensar sobre uma conjuntura social que tem uma escola funcionando sem um plano apropriado.

Finalmente, muitas causas externas contribuem para que o planejamento não mereça o cuidado sério das pessoas que julgam significativa sua ação. Essas causas talvez apontem todas para a mesma direção: o planejamento é para a mudança, para a transformação, o que, provavelmente, não é o desejo dos “donos” de nenhum dos setores de atividade humana (GANDIN, 1993, p. 16).

Para a Geografia escolar, seguem os mesmos parâmetros de infrutuosidades quando usurpada a mercê do antagonismo do Estado, pois o controle governamental administrativo que deveria democratizar e proporcionar um melhor equilíbrio dos direitos entre as diferentes realidades sociais, muito mais se empenha em manter a força da hierarquia das elites dominantes em prejuízos lastimáveis para a numerosa camada populacional dominada. Portanto, é inegável que existe um certo “cinismo dissimulado” que carece muito de atos de sinceridade e de menos hipocrisia quando empregada a Geografia na reprodução das desigualdades. A rigor, é impossível estabelecer um contínuo repensar da disciplina Geografia

⁷ Referência análoga às reflexões provocadas pela obra de Leonard (2011).

sem que, pelo menos, haja transformação na postura tradicional fundamentada, bem como na continuidade de planos que não respeitam os indicativos dos diagnósticos.

Muitos geógrafos universitários menosprezam essa concepção da geografia. Eles afirmam que a proclamação: “a geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra” não tinha nada de novo e que era inconveniente lembrar os elos estreitos que existiam antigamente entre a geografia e as preocupações dos dirigentes. Segundo eles, considerar a geografia por esse aspecto leva a um impasse. Sem dúvida eles se lembram dos avatares da geopolítica e da utilização da geografia para fins de propaganda. É por isso que eles tinham a impressão de que Heródoto, perguntando “para que serve a geografia”?, fazia recair sua disciplina nas pegadas da política e a ligava novamente aos interesses daqueles que fazem a guerra ou dirigem o Estado e de que ela perdia assim sua qualidade científica adquirida a duras penas e por vezes contestada (GIBBIN, 1994, p. 135).

No entanto, as circunstâncias são muito complexas e apontar soluções imediatas para a problemática vigente é um alvo difícil, sendo possível e necessário versar sobre alternativas eventuais que podem ser adotadas gradativamente, especialmente, pelo professor, como, por exemplo, observar a didática e aplicar o que se tem de melhor, como efetivar a interação na prática docente a partir de um comportamento mais aberto ao diálogo com os alunos, o que se torna um compromisso que ajudará sobremaneira o campo educacional. Entretanto, é preciso sumarizar e associar as tendências de ensino, além de analisar as características, tais quais pode-se citar a ênfase dada às questões intelectuais, mas, por que não às emocionais, afetivas? Ora, o que pode mudar isso, dentre outras, é uma cabal formação dos professores que incremente a didática da Geografia para refletir sobre a dinâmica do ensino e sobre os elementos que a constituem rente aos sujeitos envolvidos, sobre os próprios problemas a serem superados, do contrário, intensificam-se com a persistente reprodutibilidade de apenas conteúdos disciplinares que beneficiam o sistema dominante.

A sociedade é submetida ao Estado, verdadeiro sujeito implícito nesses livros. Os dados estatísticos e as informações arroladas são sempre oficiais, oriundos de órgãos estatais e nunca de organizações da sociedade civil. Em suma, há uma lógica social autoritária sub-reptícia a esses manuais: o homem, através de sua tecnologia (vista como neutra no sentido de isenta de relações de poder), que é racionalmente controlada em especial pelo Estado (o agente dos supervalorizados “planejamentos”) (VESENTINI, 1994, p. 169).

Quanto à questão do controle do Estado perante o ensino, ela traz uma incógnita sobre a superveniência desse mesmo Estado e as consequências sobre os cursos de formação de professores: por vez que não há total neutralidade nem sequer nas diretrizes determinadas que traçam os caminhos do percurso acadêmico, evidentemente os resultados de uma educação de boa qualidade só se efetivam por meio de mecanismos que fomentem, antes de qualquer outra

coisa, a adequada formação profissional para os educadores. Desde então, como o professor de Geografia poderá levar um aluno da educação básica a compreender sua realidade espacial e não simplesmente aceitá-la se ele próprio não conseguir enxergar a realidade das coisas? O professor deve ser um espelho pelo qual torne o uso da Geografia algo útil até no que há de comum na vida dos estudantes, sendo ideal para o processo de crescimento intelectual e para a própria reconstrução do pensamento geográfico.

Coerentemente, o professor de Geografia pode, através do uso e progresso das metodologias, transformar os conteúdos didáticos em ações percebidas pela sociedade. Mas tudo isso só é possível sob um conveniente ajustamento desde o curso de sua graduação, uma vez que o saldo e o intuito do ensino deve ser formar pessoas conscientes quanto à sua responsabilidade no mundo, de seus direitos e deveres, pessoas críticas e mais humanas para lutarem por um mundo melhor. Observa-se, ainda, que uma nova postura dos professores de Geografia, por meio de melhor capacitação, refletiria também à capacidade dos seus alunos quanto a lidarem com os grandes temas atuais em questão, indo mais direto à feição e ao caráter dos problemas, sejam das transformações mundiais, dos movimentos ecológicos, à reorganização espacial ou da própria globalização. Isso faria, oportunamente, com que o ensino geográfico reassuma seu papel, à medida que for influenciando o educando no sentido de perceber-se como elemento ativo no seu processo histórico e assim interagir, contextualmente, com a sociedade local. Entretanto, o professor deve apropriar-se da consciência de que

toda formação social possui a sua escolarização no sentido mais amplo do termo, isto é, a maneira pela qual socializa as novas gerações, os procedimentos que utiliza para reproduzir seus costumes, tradições, valores, mitos, técnicas etc. Mas a escola como instituição, e o sistema escolar como estrutura ligada ao Estado, com obrigatoriedade até uma certa idade, com fiscalização de conteúdos e procedimentos burocráticos, com uma hierarquia de níveis de ensino, com uma “verdade” preestabelecida pelos órgãos oficiais e transmitida pelos professores, é um produto da sociedade moderna ou capitalista no seu instituir-se (VESENTINI, 1994, p. 163).

É extremamente necessária uma melhor capacitação que faça refletir que é o comportamento do professor que irá definir sua interação com o aluno, porém, isso só é possível mediante aperfeiçoamento da sua maneira de proceder, possível se a profundidade da orientação no ensino superior condicioná-lo a determinadas ações para obter êxito no labor, condicioná-lo a um melhor equilíbrio emocional, haja visto que um reforço nesse sentido origina a autoconsciência, cultivando a motivação pessoal, pressupondo e trabalhando a própria empatia. São esses fatores que favorecem ao professor agir com destreza e resguardar até mesmo o declínio profissional, porquanto há uma longa jornada trabalhista em que não contará com o

aparato ideal, devendo renovar-se continuamente, no sentido de promover comportamentos mais solidários, relacionamentos mais saudáveis.

Em um sentido reverso, provocado pela falta de estímulos, a desafeição pela licenciatura em Geografia pode aflorar e convergir com as muitas barreiras, até mesmo evasões, sejam dos cursos ou mesmo da profissão, a partir da frustração ao perceber a realidade junto às desestruturas encontradas nos estágios supervisionados, com as incertezas do mercado de trabalho, com o desgaste devido ao “espinhoso” caminho pelo qual teve que passar e, perseverantemente, enfrenta um profissional de educação no Brasil. Comutativamente, continua a existir o modelo que, muitas vezes, não o prepara tão adequadamente, por supervalorizar com grande espaço aberto a teorias de outras facetas em detrimento de menor tempo destinado a reflexão das práticas pedagógicas, havendo a necessidade de grande esforço pessoal para fazer uma sintonia com os parâmetros da programação do ensino básico escolar e o funcionalismo da escola como um todo.

Uma das dificuldades na formação inicial é que em geral ela tem sido bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos teóricos da geografia acadêmica, e de suas diversas especialidades, sem a reflexão de seus significados mais amplos e de como atuar na prática docente com esse conteúdo. Essa pode ser uma das razões do distanciamento muitas vezes observado no cotidiano da escola e destacado na literatura entre o conteúdo científico da geografia, as propostas teóricas da didática e a prática efetiva dessa disciplina (CAVALCANTI, 2008, p. 45).

Consta-se que os problemas enfrentados pela disciplina não são poucos, pois são estruturais, advindos de uma sistematização ponderada que age como uma parcela de desmantelamento no conjunto de componentes que funcionam a desfavor do fazer docente, pois, intrigantemente, também não se pode pensar no progresso do sistema educacional com políticas voltadas apenas para esse setor: a realidade demonstra carências também de outras esferas da estrutura social que impactam diretamente o convívio escolar, a exemplo da deficiência na segurança pública, expressa pelo alto índice de violência dentro das escolas e que dificulta o trabalho do professor, onde as ameaças sofridas dão margem taxativa à coexistência do problema entre alunos. Tudo isso condiz com um sistema educacional “à beira da falência”, que avança os alunos mesmo sem habilitação para as séries seguintes apenas para satisfazer às estatísticas que não logram mérito ou êxito social algum. Mas esse descaso estrutural pode não ser apenas abstrato, podendo ser, muitas vezes, visível e corriqueiro, assim como alguns exemplos notórios em Serra da Raiz/PB.

Para atestar a afirmação, trouxemos um exemplo do descaso, apontando como um tratamento inconveniente para a questão educacional aflorada no seio da cidade e evidenciados

através das instalações da mais importante escola do local, a Escola Municipal do Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira: por encontrarem-se em ruínas há mais de quatro anos, sem que nada tenha sido feito para mudar essa situação, tornou-se uma réplica de quando foi iniciada uma reforma e não a concluíram, abandonada antes mesmo da entrega e coincidindo com um “tratamento trivial comum” sem perspectivas para regresso desse espaço. Ainda observamos que, sem uma boa e ampla estrutura física para comportar o alto número de alunos, tornam-se mais complexos os processos e difícil o trabalho docente, de fato que essa escola regrediu perdendo consideravelmente parte dos discentes e passou a funcionar apenas no turno da manhã, em um pequeno prédio emprestado pela secretaria de educação do município.

Figura 1: Registro atual do prédio em ruínas da Escola Municipal do Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira, Serra da Raiz/PB.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Figura 2: Registro do local onde está funcionando a mais de quatro anos a Escola Municipal do Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Contudo, ratifica-se e demonstra-se a necessidade de colocar o estudo do lugar em cheque, que o professor perceba e afirme o lugar como uma dimensão espacial importante para ensinar sobre o funcionamento das coisas, ofertando ao aluno uma leitura da realidade e a percepção do que acontece e como acontece no seu mundo próximo, no seu cotidiano, na sua vida, assim também para com os desejos, quanto aos sentidos, especialmente, para que o indivíduo se perceba como elemento ativo, sobretudo, nesse contraste do processo educacional e como está inserido no contexto histórico, daí, passa-se a compreender os processos mais amplos que se caracterizam e se diferenciam dos fatos dados no local que habita, criando uma consciência sobre as diversidades culturais instaladas no lugar e fora dele.

A fluidez contemporânea não elimina a importância da relação originária com a casa natal e o lugar: cria outras possibilidades de autoidentidade, as quais são construídas em bases menos sólidas, e é nesse processo que se funda a insegurança ontológica: não na perda de importância do lugar, mas no aumento das mediações e do distanciamento dele (MARANDOLA JR, 2012, p. 243).

A Geografia escolar tem esse atributo e ainda que os impedimentos sejam diversos e complexos, existem elementares formas de persistir na articulação desse instrumento do saber. Para tanto, é necessário construir a criticidade dos alunos perante as análises, considerando a relevância dos conteúdos, mas também propiciando o desenvolvimento do potencial de cada indivíduo e de suas vocações, não como mero expectadores, mas por meio da interação entre as abordagens estudadas, perante um melhor relacionamento entre professores e alunos, uma vez que se pode mudar o aspecto dessa relação que anda tão fria e burocrática.⁸ Sendo que esse conjunto de relações propostas se integram como estímulos mesmo a partir do envolvimento nas simples interpretações do livro didático, na iniciativa de trazer recortes de jornais, nas eventuais aulas de campo, ou mediante o empenho de aprofundar-se nos conteúdos e temas mais específicos. Porém, sugestivamente, não se pode referir configurações padronizadas, mas que sempre dialoguem toda uma dinâmica nos intervalos de representações aos fatores particulares.

As considerações da geografia escolar como uma maneira específica de raciocinar e de interpretar a realidade e as relações espaciais, mais do que uma disciplina que apresenta dados e informações sobre lugares para que sejam memorizados, aproxima a disciplina dos princípios construtivistas. Ou seja, pautar o ensino no desenvolvimento de determinadas capacidades, a serem desenvolvidas por meio do trabalho com os conteúdos, requer a escolha de caminhos adequados para levar a cabo o próprio ensino (CAVALCANTI, 2008, p. 35).

⁸ Evoca os regulamentos burocráticos na execução da relação entre professor e aluno em Abramovich (2001).

Malgrado a progressão das metodologias perante uma fusão entre as diferentes abordagens do ensino, a ousadia do professor em portar-se com autonomia na sala de aula não é o bastante para mediar a satisfação, pois é preciso também agir de maneira insinuante e ser teimoso, obstinado, não desistir facilmente dos ideais para se obter conquistas sólidas. Só assim os trabalhos podem romper com as dificuldades do ensino, com o uso real da liberdade de ação que se permitir usufruir, como uma equivalente insistência de quando se opta por revelar uma Geografia que não corrobora com uma “visão mística do mundo”, mas que a torna numa ferramenta para a “alforria de muitos”, um instrumento na luta contra as disparidades das relações de poder, pois, de fato, os alunos têm carência de raciocínios sobre os vínculos dessa hierarquia entre as pessoas, entre os embates das classes sociais, de situar, nessa conjuntura, o papel dos agentes econômicos e as responsabilidades políticas.

Razão que impetra tal posicionamento do professor numa oposição firme na luta para melhorias do ensino de Geografia na escola, que realmente não é um trabalho fácil, existem desafios gigantescos aquém dos movimentos reformistas para o ensino, pois são sobre considerações de atitudes, pela consciência que perscruta para uma interdição da intensidade como o sistema político-econômico se disponibiliza, de forma antagônica, contraditória, interagindo impetuosamente na vida da maioria populacional.

Oxalá que o esforço na sala de aula garantisse a promoção de uma melhor justiça social como uma metamorfose contra o limitar do conhecimento, assim como o uso dele para que cada vez mais se evidencie a busca e a ânsia pelo domínio e poder. O alcance dos alunos para uma maturidade intelectual, para conviver em esfera local ou com outros horizontes, pode fazer uma significativa diferença na vida de cada um deles, podendo remediar as desarmonias preestabelecidas e perseverar por liberdade, garantia dos direitos constitucionais, sobretudo, com eficácia no combate às problemáticas advindas da marginalização social, aumento da violência e crises habitacionais, políticas e éticas, percebidas em cada âmbito dos lugares, assim como na singela cidade de Serra da Raiz/PB.

CAPÍTULO 2 – UM OLHAR GEOGRÁFICO A PARTIR DA ANTIGUÍSSIMA COPAOBA

A formação de todo o território brasileiro está relacionada historicamente ao movimento global de expansão do capitalismo. A gênese da cidade de Serra da Raiz/PB não se dá sem unir-se à história mundial e, simultaneamente, com a brasileira. O processo de expansão comercial europeu foi imprescindível para impregnar a efetivação do surgimento das configurações e dos tipos de usos que aqui se estabeleceram. Mas, antes disso, alguns fatores devem ser considerados: embora a princípio pareça ser contundente, esse marco é uma representação a custo de mudança de paradigma, se considerarmos a transformação das sociedades isoladas que foram subjugadas e incorporadas ao âmbito etnocêntrico da influência e domínio europeu.

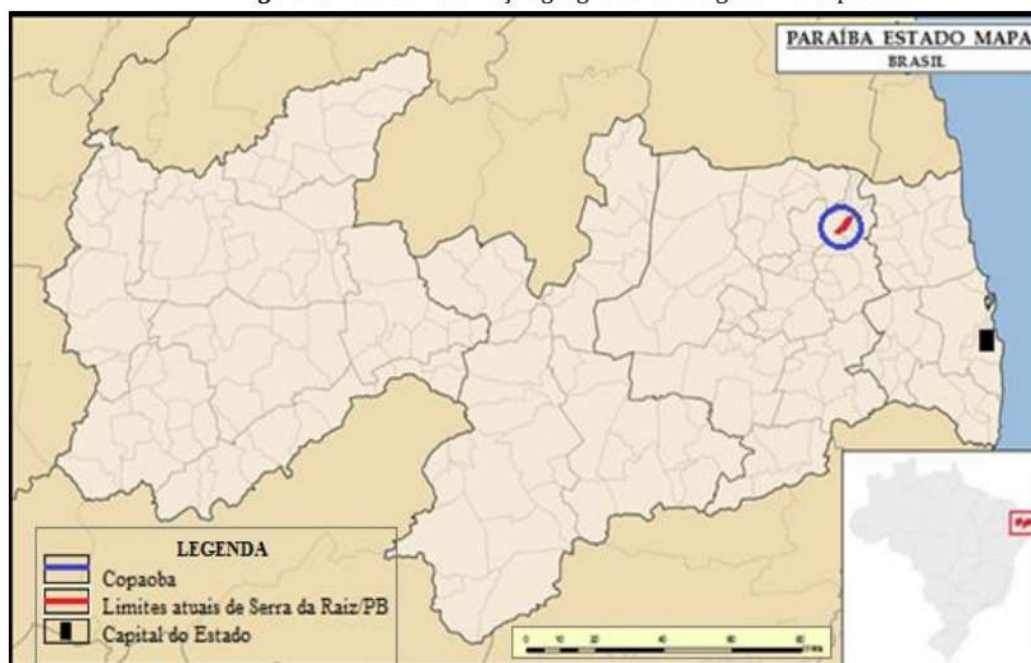
Daí, há extrema importância de se fundamentar em outras reflexões que não sejam apenas as do cunho da trivialidade e esconso determinista, intolerantes assim como a funcionalidade de impulsos da teoria evolucionista que desconsideram uma postura relativista diante da diferença, tais quais as menos disponíveis à reciprocidade e reconhecimento do conjunto de símbolos e significados que compunham a cultura de povos semelhantes aos que habitara a Copaoba⁹ desde outrora. Neste interim, um particular tão plural ressurgiu como foco para a percepção do aspecto dialético perante a dinamicidade das relações pretéritas entre o homem e a natureza.

Em outras palavras, é possível contar a história através de um ponto de vista que considere o nativo e reafirme seus valores, uma vez que foi o primeiro habitante do lugar. Do contrário, dificulta a remoção de atitudes preconceituosas e a superação diante do pensamento racista que afirma a superioridade de uma cultura sobre a outra. Traz-se também a memória que essa é uma forma de conceber as sociedades no tempo e no espaço, reconhecendo a humanidade dos outros coletivos sociais, apontando principais características e a amplitude de seus padrões comportamentais, incluindo aspectos sociais, políticos e religiosos. A saber, são esses aspectos que devem ser analisados minuciosamente, por conferir as condições da primeira paisagem geográfica sob estudo, entretanto, que tipos de ações, técnicas do uso da terra e dos recursos ou, quais as circunstâncias naturais que coincidem com as características dos povos e das terras nativas do território da Copaoba antes de serem usurpadas.

⁹ COPAOBA: antigo nome indígena dado a Serra da Raiz/PB, atribuído antes e durante o estágio de vila, tendo variações na grafia perante sucessivas mudanças de nome da vila, entre eles: Copahoba, Cupaoba, Serra da Cupaoba. Em conformidade com Madrugá (1955), CUPAOBA é uma corrupção de CUBA, o que quer dizer: ao longe se estende o que de longe se dilata. O termo mais utilizado para definir Copaoba hoje é: serra sem fim.

A priori, a Copaoba surgiu como um recinto dos índios potiguaras demarcado a uma boa altura, sob a finalidade de servir para última resistência principalmente dentro dos limites territoriais atuais do município de Serra da Raiz/PB, mas tinha uma abrangência maior em conformidade com a figura 3. Considerando isso, já se observava naquela fase uma evolução e progresso dos elementos culturais que paulatinamente permitiram a fixação do nativo nesse lugar e um certo controle sobre a natureza, tinham seus membros relacionados por vínculos consanguíneos e um intrínseco respeito solidário. Isso fez consistir uma sociedade marcada principalmente por um perfil igualitário em que, apesar de aparência rudimentar, tal estrutura comunal garantiu uma convivência em harmonia e equilíbrio com o meio. Não obstante, tanto zelo e proteção podem ofuscar o que realmente selava essa relação homem/natureza, o que parece ser um fator mais pautado no emocional dos indivíduos,¹⁰ como se fosse um temor, pois acreditavam em forças mútuas agressivas, que conotam as reações fenomenológicas, por isso se abrigavam dentro da sua própria sociedade e não embatiam para um confronto paralelo ou impetuoso com a natureza.

Figura 3: Possível localização geográfica da antiquíssima Copaoba.



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, 2006, grifos nossos.

Havia na Copaoba antigas inscrições esgrafiadas em rochas que, por analogia, faz-se pensar noutras inscrições rupestres e vestígios materiais encontrados na região Nordeste do

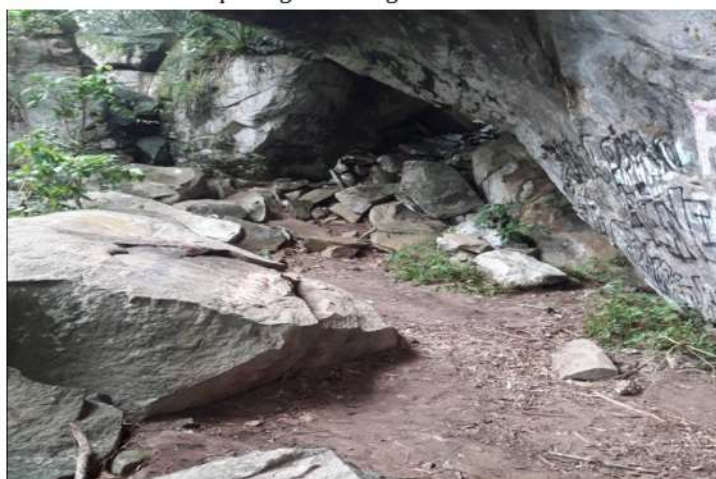
¹⁰ Remete às reflexões proporcionadas de Chiara (1978).

Brasil, datadas em até passados de cinquenta mil anos. Segundo Santos (2007), “devem-se realizar estudos mais sistemáticos, que objetivem ligar as inscrições rupestres aos seus verdadeiros produtores: os povos pré-coloniais, aqueles ancestrais dos nativos que habitavam essas plagas antes da chegada dos colonizadores.” Contudo, revela-se uma certa transparência no retorno dessas representações sobre um extenso lapso temporal de comportamentos impremeditados, mas que garantiram uma certa estabilidade e conservação ambiental.

Em plena refutação, o comportamento imaturo e ilógico de nossa sociedade atual não permite, mesmo com tamanha tecnologia e aparato, afirmar a consistência das ideias sobre a manutenção dos recursos e nem mesmo uma previsão de um futuro próximo perante o sistema de consumo tão devastador em decurso, colocando muitas vezes a subsistência em perigo. Sem menor prejuízo, também existe a insensatez dos valores da civilidade em desvencilhar-se da herança e dos valores patrimoniais, em que tudo se tornou descartável. Um exemplo evidente dessa questão é a decorrência da não preservação adequada dos vestígios originários que serviam para melhor referenciar nossos antepassados.

O sítio arqueológico anteriormente mencionado é o primeiro que foi catalogado e citado no Brasil, mas tanta importância caiu num desmedido desalento pela inconstante depredação e vandalismo causados principalmente por populares. Idem para a falta de afeição e obrigação dos órgãos públicos responsáveis por diligenciar os cuidados necessários, atualmente o sítio é conhecido como Loca da Nega¹¹ (figura 4), nome dado por também se tratar de um lugar de refúgio quilombola em um determinado momento histórico.

Figura 4: Registro atual da depredação da Loca da Nega, primeiro sítio arqueológico catalogado no Brasil.



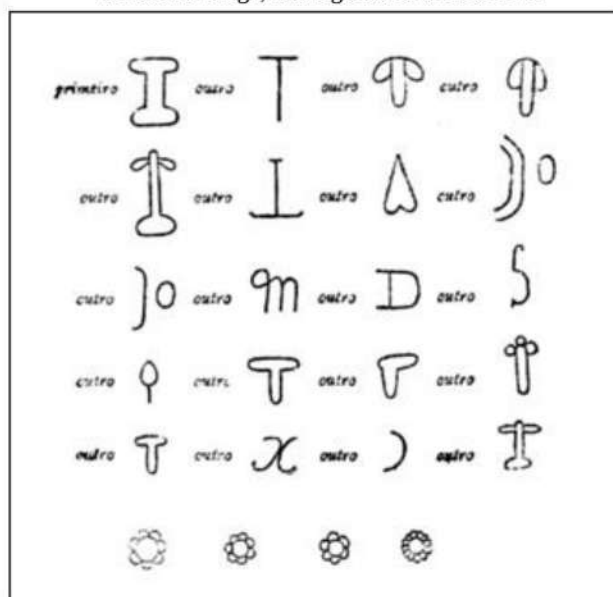
Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

¹¹ Para Sousa (2011), trata-se de um lugar cultural que contém histórias reais e várias lendas, situado na histórica Serra da Copaoba, atual Serra da Raiz, perímetro rural, em terra particular pertencente ao Sr José Aníbal.

A afirmação de que o registro feito em Serra da Raiz/PB é a “mais antiga referência bibliográfica de uma gravura rupestre no Brasil” foi proferida por Martin (1996), corroborada por Souza (1991) e também por Santos (2007). A base para o reconhecimento vem de uma obra escrita na Paraíba no início do século XVII, que tem sua narrativa em forma de um diálogo entre dois possíveis cristãos novos tratando sobre a colônia portuguesa. O título da obra é Diálogos das grandezas do Brasil¹², atribuído a Ambrósio Fernandes Brandão (figura 5), ela remete às vastas informações sobre a exploração e características das riquezas da terra, calhando com o interessante recorte do achado na Copaoba (atual Serra da Raiz/PB), ainda nas suas páginas iniciais, conforme o aditamento seguinte:

Uma serra que se chama de Copaoba, onde estava o gentio com muita quantidade... ouvi afirmar, com outros mais, haver sido achado, nos tempos passados, na mesma serra, uma novidade e estranheza que me causou espanto... relato-me por coisa verdadeira que, andando Feliciano Coelho de Carvalho, Capitão-Mor que foi da dita capitania pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio potiguar, aos 29 dias do mês de dezembro de 1598, se achara junto a um rio chamado Arasoagipe, que, por ir então seco... toparam nas suas fraldas, com uma cova... ali por toda a redondeza que fazia na face da pedra se achava umas molduras, que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente... todas as rosas eram de uma mesma maneira, exceto uma que tinha doze folhas com a do meio. E pela redondeza desta cova estavam as molduras que tenho dito, ou caracteres que se formavam na maneira seguinte: (ABREU, 1956, p. 16, grifos nossos).

Figura 5: Molduras rupestres existentes antes da depredação da Loca da Nega, catalogadas no século XVI.



Fonte: Abreu, 1956.

¹² Trata-se de uma obra brasileira escrita por Ambrósio Fernandes Brandão no início do século XVII, mas que só foi publicada como livro em 1930 pela Academia Brasileira de Letras, com introdução de Capistrano de Abreu.

A Copaoba se equiparava a um contraforte por estar situada na parte oriental das primeiras elevações da ocorrência do planalto da Borborema na Paraíba, essa situação a barlavento é peculiar e estratégica por proporcionar uma visão panorâmica da depressão sublitorânea paraibana e de grande parte do Rio Grande do Norte, salientando que, embora o seu núcleo fosse onde está situada Serra da Raiz/PB hoje, também abrangia em parte de suas fraldas uma porção principalmente dos municípios de Belém, Duas Estradas, Sertãozinho e Caiçara, distribuindo, assim, a sua população entre cerca de cinquenta aldeias instaladas nesse território delimitado. Porém, pode-se proferir, hipoteticamente, que o fator que os fizeram permanecer nesse lugar não foram apenas os caracteres de reduto para a guerra, até porque na formação inicial, não imaginavam o inimigo vindo pelo mar, mas, principalmente por conter solo e clima privilegiados, apresentando enorme diversidade para as intocadas flora e fauna e, dentre essas riquezas naturais, água em abundância, em cujas nascentes encontram-se as principais do rio Camaratuba, além de lagoas e brejos naturais formados além das imensas e múltiplas várzeas.

Tais proposições são evidentes e possíveis mediante a presença das características notórias, presentes e visíveis, como também por interpretação dos principais escritos da historiografia paraibana. Por vez que os relatos apontam para a Paraíba, uma das maiores populações de aborígenes entre as capitanias hereditárias, assim como também evidencia frei Vicente Salvador¹³ em sua obra *História do Brasil*, e Joffily (1977), este último descreve a distribuição das tribos sobre o território paraibano e as procuras por alimentos, apontando, ainda, para eventuais crises noutras regiões próximas, “que o sertão, onde habitavam, não poderia talvez prestar alimentação suficiente a um povo selvagem mais numeroso”, ao inverso do encontrando pelo potiguar na Copaoba, um local propício a subsistência, por conter em potencial um conjunto rico em fatores como a propriedade climatológica semelhante a de brejo, que tem melhor regularidade nas chuvas e que conta com precipitações orográficas, as chuvas de convergências, tornando-se num lugar propício e indispensável para a produção de alimentos.

Acredita-se, embora hipoteticamente, essa ser a inferência mais lógica para o motivo de o nativo aqui assentar-se e estabilizar-se, à medida que se torna indispensável e inevitável fazer dedução, por haver muita objeção e obstáculos à causa.

A pesquisa sobre os indígenas, principalmente aqui na Paraíba, tem sido prejudicada por: dificuldade de bibliografia do período colonial...

¹³ Frei Vicente Salvador, religioso franciscano e historiador (1564-1636) que tem em suas obras o reconhecimento para a estruturação da historiografia brasileira, em virtude da obra *História do Brasil*, escrita na Bahia em 1627.

descaso natural, talvez herança portuguesa, pelos problemas vinculados ao índio, cuja história e cultura mal foram registradas, e esses índios, ainda hoje, sofrem imensamente e se veem ameaçados de extinção, ante a cupidez de aventureiros e o descaso frequente das autoridades (BORGES, 1993, p. 21).

Contudo, o lugar tivera sua ocupação efetivada pelo aldeamento de tribos potiguaras, não se sabendo por certo o quanto custou essa apropriação, se foram travados embates com as demais tribos cariris, tarairius ou mesmo com outra tribo também tupi paraibana para execução da posse, nem mesmo o tempo que levou para a firmação, assim como a duração desse período natural até a chegada do europeu, que por uma sina, veio a conhecer e neste lugar infiltrar-se, inicialmente com aspirações ludibriantes, à medida que houve disputas pelo espaço entre franceses e portugueses até introduzirem de fato, e em maior suntuosidade, o plano nocivo e explorador.

Ocasionalmente, quando os franceses foram expulsos do Rio de Janeiro se dispersando rumo ao Nordeste para aqui se instalarem, tendo sua chegada antecipada, por duradouros anos, incitaram os potiguaras contra os portugueses, dificultando e retardando o estabelecimento das aplicações e recursos que seriam destinados à capitania hereditária de Itamaracá, uma vez que os nativos se tornaram uma ameaça principalmente para as caríssimas instalações dos engenhos de cana-de-açúcar.

Nas selvas da Copaoba, tinham os corsários o seu paraíso, a ponto de esquecerem-se do mundo civilizado. Quando mais tarde as expedições colonizadoras penetraram o sertão paraibano, muitos franceses foram encontrados nas aldeias potiguaras. Ali viviam ao natural, deleitados com as mancebas nuas, enquanto os valentes guerreiros da tribo amiga diligenciavam as cargas dos navios fundeados nos seguros ancoradouros (ALMEIDA, 1966, p. 49).

Porém, a preeminência dos portugueses em civilizar significava dominar e dizimar ou substituir o modo de vida silvícola, possibilitando o controle do espaço colonial estabelecendo uma nova organização social que favorecesse a criação de fluxos, com vistas à acumulação de riquezas para a metrópole. Em conformidade com Carlos (1994), nesse ponto, a categoria geográfica do lugar pode entrever a representação de um ponto de articulação entre o decurso da globalização em confronto com as singularidades locais, por isso, a compreensão de um mundo tão heterogêneo se torna possível a partir de uma análise mais ampla dos lugares, o que permite desvendar os conflitos e tendências das sociedades que vêm passando por um processo que tange para a mundialização e que, circunstancialmente, propicia a construção do espaço sob coações e pressões. Assim, analisa-se a partir da questão da resistência indígena o estabelecimento que principiou o sistema que, de certa forma, vigora até os dias atuais.

Os franceses, que iniciaram na Copaoba o intensivo tráfico de pau-brasil, aproveitando-se de um momento de abandono da Coroa Portuguesa devido às dificuldades em controlar e de policiar a extensa costa brasileira, passaram a praticar o escambo, facultando o escoamento dos contrabandos pela Baía da Traição/PB. Porém, preferencialmente hospedados na Copaoba devido ser um contraforte natural que não permitia serem “pegos de surpresa”, porquanto tinham situação muito favorável, embora não manifestassem a intenção de se estabelecerem definitivamente na terra, mas ainda assim, o comércio clandestino no qual também se citam minerais preciosos como topázios,¹⁴ óleos vegetais e animais, foi suficiente para ciumar e inflamar com consequências lastimosas a relação entre colonos e nativos.

Verdade é que alguns colonos mais ousados já haviam pisado solo paraibano, mas não voltariam a revê-lo porque o território estava prestes a ficar interdito por longo tempo. A guerra entre potiguaras e portugueses, não demoraria a estourar. Culpa de quem? Do erro originário das capitanias hereditárias, do costume nocivo dos colonos em escravizar índios, da presença dos franceses que não perdiam vaza em fomentar hostilidades. O rapto de uma cunhã do sertão da Copaoba deu causa ao massacre de Tracunhaém (ALMEIDA, 1966, p. 50).

Os ataques indígenas aos portugueses passaram a ser constantes e cada vez mais intensos, culminando no Massacre de Tracunhaém.¹⁵ O clima tenso devido à tamanha violência e instabilidade, assim como a própria ameaça do comércio francês, foram como um estopim para que a Coroa Portuguesa intervisse com mais força e rigor, porém, não foi tão fácil e a guerra, sobretudo na Copaoba, instalara-se durante anos. Os relatos sobre essa fase da história foram escritos por contemporâneas ordens religiosas, principalmente a dos jesuítas, incumbidos de catequisar (disciplinar sobre o novo sistema) mas também de fazer levantamentos e reunir informações sobre a colônia, dessa forma, as obras contemporâneas à época Sumário das Armadas¹⁶ e a História do Brasil escrita pelo então franciscano frei Vicente Salvador, tornaram-se a base para evidenciar os acontecimentos da Copaoba como cruciais na escrita da história da Paraíba.

Chega a ser surpreendente, mas não há como conhecer a história do estado da Paraíba sem antes conhecer a bravura dos nativos da Copaoba: nesse ínterim, convêm estudar contextualmente as transformações do espaço geográfico de Serra da Raiz/PB intensificadas a

¹⁴ Há um exemplar de um valioso e raro topázio colonial – com peso de 117Kg – levado de Serra da Raiz/PB no período supracitado, atualmente pertence ao Museu de História Natural de Viena, capital da Áustria.

¹⁵ Massacre de Tracunhaém: Chacina cometida pelos índios da Copaoba que desencadeou o desmembramento da Capitania de Itamaracá e a criação da Capitania Real da Paraíba, com isso, a própria coroa passou a intervir no local. O destaque aponta esse evento como o estopim, mas vale analisar o que aproveitaram a ocasião para justificar o plano de tirar de sena os franceses e o firmar o estabelecimento português na colônia.

¹⁶ Sumário das Armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahyba. Escrito e feito por mandado do padre em cristo Christovam de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a província do Brasil. Campina Grande; FURNE. Ed, Universitária/UEPB. 1993.

partir desse novo momento histórico, em função dos processos socioeconômicos, políticos e produtivos, internos e externos, e até mesmo das provenientes necessidades de renovações das técnicas de produção acometidas no lugar, sobre a comercialização ou vínculos espacialmente mais extensos, argumentando como esse pequeno lugar é um dos muitos exemplos que servem para o entendimento do sistema implantado e que vem segregando algumas cidades em detrimento de outras, ao passo que a percepção do mundo capitalista está contido na proposta de um comprometimento com a totalidade da sociedade incluindo lugares e regiões, numa dimensão espacial com especialidades sociais e sob uma articulação dos modos de produção, determinados historicamente.

Não atentando para singularidades de datas, parcialidades e algumas afirmações generalizantes, permitiu-se fazer conexões, à proporção das recorrências, tensões e transformações sofridas pelo contexto do lugar. Assim como já foi proferido, na Copaoba habitavam muitas aldeias, tendo como principal a que se situara no território do atual município de Serra da Raiz/PB, comandada pelo cacique Iniguaçu, viviam diante de uma paisagem natural e com ausência de técnicas mais aparelhadas. Porém, esse primário e pequeno mundo construído tinha extrema importância e significado para eles, perpetrando uma interligação por um sentimento de pertencimento ao lugar. Então, não só as investidas dos franceses insultando os índios para a guerra, mas principalmente pela ameaça do colono português, isso que fez ressurgir o espírito belicoso e de resistência.

Se a audácia ficava com os europeus, senhores de técnicas e organização político-social mais avançadas, a resistência pertencia aos aborígenes, no caso os potiguaras. Foram esses que nas guerras de conquista, lutaram por suas propriedades comunais, roças, haveres e famílias (OCTÁVIO, 1994, p. 23).

Após a angustiante guerra, cujo palco foram os solos do reduto da Copaoba, viria um novo estágio a assentar-se no espaço local, após a matança de grande parte e a expulsão dos demais índios que o habitavam direcionando-os para o litoral paraibano e para o Rio Grande do Norte, ao passo que o aldeamento deu lugar a um proporcional vácuo contingencial que perdurou por longos anos. Vale ressaltar que a importância dos que habitavam o lugar naquela época é um fato concreto ao ponto de ter alcançado em potencial a atenção da Coroa Portuguesa, haja vista que a impossibilidade de infiltração dos colonos portugueses em solos paraibanos, provocada pelos nativos, em especial os da Copaoba, causou um atraso de muitos anos para a efetiva implantação do modelo proposto após a “descoberta” do país em 1500. O cume da resistência se deu com o episódio em 1574, anteriormente citado, também conhecido como A Tragédia de Tracunhaém: o rapto da filha do cacique Iniguaçu deu causa ao massacre e milhares

de índios que se deslocaram da Copaoba a Tracunhaém/PE onde mais de 600 pessoas foram mortas.

Tão logo ecoou no Reino o massacre de Tracunhaém, determinou o desventurado monarca D. Sebastião fosse fundada à custa do governo da metrópole a Capitania da Paraíba, que assim, se desmembrara de Itamaracá (ALMEIDA, 1966, p. 53)

A criação de uma capitania real foi algo de grande repercussão, por quanto só existiam duas em todo o território colonial, a de Salvador (capital da colônia) e Rio de Janeiro. Assim, a fundação da terceira capitania real, Paraíba, tendo uma ligação direta com o contraforte da Copaoba, atual Serra da Raiz/PB, que embora tamanha importância histórica se exauriu com as cinco expedições – Guerras da Copaoba – subsequentes, em que, acampados na nova cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa, os portugueses partiram direcionados a dizimarem não só os que aqui habitavam, como também deteriorar o setor com sangue e isolamento, que estrategicamente, também conferia segurança para a capitania vizinha de Pernambuco. Tão grande foi o massacre e as consequências dessa guerra que apenas detecta-se nova e considerável instalação ocupacional decorridos muitos anos do preliminar aldeamento, implicando dizer que, no contexto daquele momento, havia toda uma perspectiva política para o domínio administrativo com a triunfal derrocada sobre o despovoamento indígena e também do tratante francês.

Foi esse conjunto de circunstâncias que desenvolveu a interferência no processo de formação socioespacial de Serra da Raiz/PB, podendo ser compreendido e delimitado mais satisfatoriamente como distinguem Santos; Silveira (2008), atentando para a constituição do espaço geográfico do lugar enquanto “território de uso,” pois os usos são diferentes nos diversos momentos históricos, marcadas por manifestações particulares interligadas que evoluem juntas e obedecem a princípios gerais, como a história particular e a história global.

Porém, os portugueses ganharam força e impuseram sua hegemonia após um pacto feito com os índios tabajaras, que habitavam a parte sul do rio Paraíba e eram inimigos ferrenhos dos potiguaras. Foi essa aliança que vitimou milhares índios da Copaoba e expulsou a maior parte dos sobreviventes, cuja vitória portuguesa significou a retirada do obstáculo que entravava a conquista da terra, segundo Cirne Lima (1954): “a Coroa Portuguesa tomou posse do território brasileiro por aquisição originária, isto é, por direito de conquista”. Consequentemente, chegou a causar intrigas o fato de todas as terras “descobertas” serem entregues aos colonos como se já não estivessem ocupadas por seus “verdadeiros donos” desde outrora.

O espaço que compreendia o território da Copaoba fora conquistado pelos portugueses mediante uma guerra injusta, não diferente do que acontece em se tratando da resistência

indígena nos dias atuais, com força de oposição do Estado para privilegiar grupos de antigas oligarquias as quais herdaram os latifúndios, a concentração e predominância do capital. A analogia é permitida através do momento em que a Coroa Portuguesa interviu diretamente na criação da capitania real, em que os potiguaras não resistiram mais que 11 anos de luta, pois, sobre os solos da Copaoba, foram enviadas várias expedições de conquista e aqui instalou-se a guerra, onde a vitória sobre o último reduto de oposição significava a abrangência que superabundou sobre todo o limite territorial da Paraíba, parafraseando os textos de Maximiano Lopes Machado, corroborados pelo escritor local Madruga (1955), sobre os efeitos de uma das expedições de guerra na Copaoba:

Daí em diante a luta foi indescritível, de aldeia em aldeia, por espaço de uma légua, não houve descanso, o sangue de tantos desgraçados, quais de outro modo não podiam ser aproveitados em benefício da agricultura e do Estado, ensopava a terra ao ferro inexorável do vencedor. Os cadáveres cobriam a superfície do terreno por onde passavam os invasores, os quais só deixaram de articular e ferir ao cair da noite desse dia de horrível carniceria... fizeram alto as tropas de Martin Leitão, onde pernoveram cheias de fadiga, para recomeçarem na manhã seguinte as mesmas cenas da véspera (MADRUGA, 1955, p. 66, grifos nossos).

No entanto, foi nessa perspectiva que o proveniente sistema sesmarial legalizou o acesso à terra no Brasil colônia, a alienação das propriedades ficou à mercê das doações aos senhorios subsequentes, garantindo o alicerce para o novo tipo de povoamento. Tantos quantos se achassem com direito a porções da terra, bastava oferecer as justificativas plausíveis, assim como parcelas que cabiam para os participantes do referido assassinio em massa. Segue um exemplo documental dos contratos de transferência e vantagens patrimoniais:

Raphael Carvalho, morador nesta capitania, há vinte e três anos, diz que, fazendo serviços nas ocasiões de guerras que se ofereceram e que foram muitas, contra os inimigos piratas e contra o gentio da terra, sempre é a sua custa, sem mercê alguma até agora; não tendo terra próprias, em que pudesse lavar, e ter os seus gados, pedia para si e seus filhos légua e meia de terras... requeria nas fraldas da serra da Copaoba, na parte que chamam Curimtay. Registrada no livro das Sesmarias da Capitania da Parahyba sob o número 13; de 6 de março de 1619 (MADRUGA, 1955, p. 72, grifos nossos).

O índio potiguara tivera sido dizimado e expulso sem direito a retornar e reivindicar seu direito de acesso, apenas uma pequena aldeia de Sucurus, propondo uma possível incursão das tribos cariris, foi encontrada no sítio Canafístula no século XVII, mas tiveram suas terras devolutas por requerimento de dois mercadores criadores de gado. Evidentemente, justificaram sobre a incompatibilidade que havia entre a proveniente monocultura da cana-de-açúcar e a permanência do gado ameaçando as plantações, esse foi o motivo das entradas do gado sobre essa região e, posteriormente, os sertões paraibanos, que provocaram aumento da devastação

das matas renunciadas com a retirada do pau-brasil, principalmente pelos franceses, dando espaço ao pasto para alargar as criações e propiciando inicialmente as erosões e o desgaste de nossos solos.

Domingos Vieira Machado e Zacarias de Mello, mercadores em Mamanguape, tendo suas criações de gado, não tinham terras suficientes para as criarem, e de presente haviam descoberto umas terras e as tinham situado por estarem devolutas, as quais pediam por datas, cuja terras não são testadas dos índios sucurus, na Serra da Cupaoba, pelo riacho de Canafístula... fez-se a concessão na forma requerida no governo de Antônio Velho Coelho... Registrada no livro das Sesmarias da Capitania da Parahyba sob o número 152 (MADRUGA, 1955, p. 77, grifos nossos).

O único espaço que sobrou para o nativo foi aquele em que lacram o nome do mais importante dos potiguaras, pois, no centro da cidade encontra-se uma tímida homenagem ao cacique Iniguaçu, em conformidade com a figura 6:

Figura 6: Registro atual da Praça Iniguaçu, localizada no centro de Serra da Raiz/PB.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

O sistema estabelecido, e mais tarde ratificado com a Lei de Terras de 1850, reconheceu as sesmarias antigas e validou a forma de posses, aniquilando a possibilidade dos antigos donos reclamarem qualquer direito, de forma que os que conseguiram permanecer no lugar chegaram a perder a sua identidade cultural com o passar do tempo, se misturando nos costumes da “civilidade”, quando poucos e raros vestígios das antigas tradições são encontrados no seio da sociedade, como raros exemplos da procura das antigas rezadeiras e o próprio uso de ervas medicinais fitoterápicas para remediar diagnósticos simples da saúde dos habitantes. Embora o mesmo não se possa dizer quanto aos muitos achados de artefatos e utensílios arqueológicos, comuns como a forte presença dos traços biológicos característicos encontrados dentre a

população serrano raizense, resistindo às dadas miscigenações, seja dos franceses, portugueses, africanos, pois ainda existem muitas famílias habitando o lugar que vêm de descendentes diretos dos nativos.

Foi com o propósito de refletir sobre a complexidade nas relações e pela diversidade nas marcas culturais da população de Serra da Raiz/PB, para além da moderna difusão de padrões sociais dos quais os alunos têm uma enorme carência elucidativa, que consideramos importante levar essa temática e introduzir o estudo do lugar e do cotidiano em nossas intervenções durante as práticas de estágios supervisionados em escolas dessa cidade. Inicialmente trabalhando com o ensino fundamental na escola João Nepomuceno de Oliveira e, posteriormente, com o ensino médio na escola Maria José de Miranda Burity, ao direcionarmos a trabalhar com toda uma gama de temas compreendidos por meio de uma abordagem atenuada pela associação de diferentes tendências de ensino, como uma soma pedagógica em que a categoria do lugar converte para a análise dos fatores de abstrações e também das influências sobre as várias realidades e transformações de identidades, ou seja, com as problemáticas sucessivas e contínuas do dia a dia, voltadas para inserir ativamente o aluno no processo através de uma reciprocidade entre conteúdos, muitas vezes, com tópicos sugeridos por eles mesmos. A pretensão não foi para dar expressão como algo novo, mas como ajustado a uma ideia de

que aprendizagem prática tem um estagiário tradicional, além da confirmação do mito da desnecessidade do estágio? Diretamente, talvez, apenas a reprodução do exercício pedagógico, que na maioria das vezes caracteriza-se como estagnado, inconsciente e, até mesmo, irresponsável. Formando assim, um ciclo vicioso na escola, onde o novo professor já entra envelhecido (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 1994, p. 119, grifos nossos).

Em um primeiro momento, a experiência do estágio foi marcada, quando em diferentes períodos de observações das duas escolas, pela percepção de que, geralmente, o estudo do lugar e cotidiano não é explorado com um caráter permanente em sua plenitude em ambas escolas de Serra da Raiz/PB. Esse assunto, no exercício docente, se demonstrou apenas introdutório e sem maiores articulações para se compreender os conteúdos da Geografia escolar a partir do lugar do sujeito. Todo o diagnóstico da análise daquele momento apontou para a necessidade de contribuir subsidiariamente, não apenas com os alunos, mas de forma peculiar com os professores, para que nesse conjunto de interferência, a interpretação geográfica de Serra da Raiz/PB e de aspectos subjetivos da própria vida humana ganhassem profundidade e esclarecimentos. Daí problematizar objetivamente as circunstâncias contextuais do lugar dentre uma construção de relações geográficas históricas que moldaram esse espaço, dos fatores econômicos e sociais, trabalhando a noção de pertencimento ao lugar e as transformações

culturais proporcionadas pela globalização, por isso a escolha do tema principal desse trabalho De Copaoba à Serra da Raiz/PB.

A vida humana está inscrita em complexas espacialidades e temporalidades. Se as relações entre espaço e tempo suscitaram inúmeras reflexões por parte de filósofos e cientistas, entre os geógrafos, no entanto, o tempo foi visto secundariamente ou mesmo negligenciado. [...] A periodização é alterada com mudança da escala espacial, em outros termos, os períodos da história local não são necessariamente os mesmos daqueles da história regional ou nacional. Na escala local podem se verificar processos específicos, locais, que se combinem com processos originados externamente, mas que se manifestam de modo específico (CORREA, 2011, p. 598-605).

Para tanto, demos início ao trabalho focando, preliminarmente, a resistência indígena e as Guerras da Copaoba, pois os alunos, assim como a maior parte da população de Serra da Raiz/PB, desconhecem a importância e a sucessão de acontecimentos desencadeados com o rapto da índia Iratembé (que na linguagem nativa quer dizer lábios de mel), filha do cacique local Iniguaçu, onde o grau e rol das eventualidades convergiram para a criação da Capitania Real da Paraíba, como já foi citado anteriormente. Na sala de aula, trabalhar com a exposição do assunto foi inevitável, mas buscamos estabelecer um diálogo extremamente necessário para também medir o nível de aprendizagem dos alunos e adequar à nossa intervenção para uma linguagem proporcional à clareza do entendimento dos fatos para eles. À medida que tudo foi se desenvolvendo, trouxemos algumas curiosidades corriqueiras que se passam despercebidas no tocante a essa cultura, assim como evidenciamos a presença de descendentes diretos citando alguns nomes como o da Senhora Iranir Passífico, que se reconhece dentro dessa linhagem.

Para o desenrolar das atividades, também trouxemos algumas informações multidisciplinares que soaram tão interessantes quanto surpreendentes para alunos e corpo docente. Comparamos a figura de Iratembé, em fatos reais, à de Iracema, a virgem dos “lábios de mel” inserida no romance publicado em 1865 por José de Alencar¹⁷, como sendo uma “lenda” do Ceará, porém com muitas semelhanças replicadas e reproduzidas quando equiparadas às peculiaridades da tão real Iratembé. Haja visto que, categoricamente, na trama, Iracema é filha de um chefe indígena e se apaixonara por um português em cuja história de amor tem um ponto culminante com a instauração de uma guerra. Esses pontos, quer sejam coincidentes ou não, também foram cruciais na vida de Iratembé, cuja paixão por um mameluco português só foi permitida se permanecessem na Copaoba, mas quando o casal fugiu para Olinda/PE, o chefe Iniguaçu reclamou diretamente ao Governador de Pernambuco, Antônio de

¹⁷ José de Alencar, escritor e político brasileiro no século XIX.

Salema, que interferiu e determinou a volta. Essa foi a oportunidade em que novamente a bela índia foi raptada em Tracunhaem/PE e se iniciou a guerra.

Mediante o exposto, é possível trabalhar com vários aspectos como os que foram exercidos em nossa prática, apontando, inclusive, a fusão entre as culturas europeia e indígena, na sequência do processo, a inserção da africana. O resultado positivo da intervenção foi evidente devido à essência em proporcionar um respeito mútuo e de tolerância sobre as diferenças como demonstra a figura 7, todavia, direcionamos não apenas às questões raciais e étnicas, mas também para a manifestação de condescendência e para respeitarem-se reciprocamente nas diferenças sociais, religiosas e, sobretudo, nas de gênero. Pois, em tais seguimentos, a questão cultural entre os choques e coações de mutabilidade entre a realidade local e a externa contornam uma instabilidade quanto a própria identidade dos alunos, considerada a realidade de cada um. Isso tem uma feição de subjetividade, mas o encaixe e desencaixe entre os requisitos do local confrontando com o global condicionam vários desequilíbrios que podem encontrar uma coerência relativa quando abordados em sala de aula. O enfoque quanto a pertinência ao lugar também é um item que não se pode isolar devido

um enfraquecimento do sentido do lugar, devido à definição do eu estar centrada em elementos desencaixados e reflexivos; ao contrário, nunca estivemos tão apegados às circunstâncias que circunscrevem nosso mundo circundante, em razão da necessidade de construção da autoidentidade e do maior esforço de reconhecimento das diferentes mediações e experiências fragmentadas (MARANDOLA JR, 2012, p. 243).

Figura 7: Registro de um momento de interação entre os nossos alunos e índios potiguaras que vieram da Baía da Traição/PB para um evento cultural em Serra da Raiz/PB, onde a presença dos alunos foi possível mediante a parceria com a professora Severina Ramos.



Fonte: Severina Ramos, 2017.

Também foi possível trabalhar com os conteúdos do livro didático utilizado na escola e demonstrar como acontecem alguns fenômenos mundiais em escala local, o que acreditamos que deve ser feito rotineiramente. Para isso, fizemos algumas incursões por pontos da cidade analisando características e as possíveis mudanças da paisagem devido o histórico de processos econômicos. Essa atividade está representada na figura 8, oportunidade em que também evidenciamos esses fatores como os agentes de construção para o espaço geográfico ao qual estávamos diante.

Figura 8: Uma prática usando o livro didático e evidenciando exemplos dos temas no lugar de vivência dos sujeitos.



Fonte: Severina Ramos, 2017.

Algumas questões naturais de características locais, a exemplo da orografia, também foram evidenciadas, nesse ensejo, a conveniência da circunstância climática favoreceu para tornar saliente algumas dúvidas relatadas pelos alunos, pois a nebulosidade pairava sobre a cidade causando obscuridade e visibilidade turva ao horizonte, como demonstrado na figura 9. Oportunamente, exemplificamos como as elevações topográficas podem exercer influências sobre o clima e caracterizar tal ambiente como uma área de exceção com condições de temperaturas e vegetações privilegiadas, dessa forma passaram a entender o porquê de “o nevoeiro”, como eles chamavam, tratar-se de uma paisagem tão rotineira, à medida que foi esclarecida a razão de quando viajarem e descerem a elevação, comumente encontrarem céu aberto logo próximo por quanto saem das primeiras serras que precedem ao Planalto da Borborema em direção à depressão sublitorânea.

Em outro momento, quando o dia se encontrava ensolarado e o panorama da mesma paisagem proporcionava visibilidade ampla, conferível na figura 10, destacamos alguns exemplos, ali presentes, de como a insustentabilidade do sistema produtivo torna-se como uma

ameaça para a degradação dos solos e contaminação das águas da bacia hidrográfica do rio Camaratuba, comprometendo a diversidade da fauna e flora. Ao pedir que os alunos fizessem levantamentos, rapidamente identificaram, dentro das temáticas e perante a paisagem, o exemplo do plantio do abacaxi mediante uso de fertilizantes, apontando-os como poluentes diretos e causadores de desequilíbrios ambientais. Ainda acrescentamos como um repensar, o sumiço das abelhas e de insetos polinizadores também mortos pelo veneno dos plantios, trazendo impactos diretos para as plantações de outras culturas e ao ecossistema. Na sequência, entre eles mesmos, discutiram sobre a problemática de manter em cativeiro alguns animais e aves silvestres, além dos problemas da caça predatória.

Figura 9: Registro de fenômenos climáticos comuns em Serra da Raiz/PB abordados em uma aula ao ar livre.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Figura 10: Registro da mesma paisagem da figura 9 em um dia com condições meteorológicas diferentes, evidenciada em aula ao ar livre para identificar processos causadores de problemas ambientais.

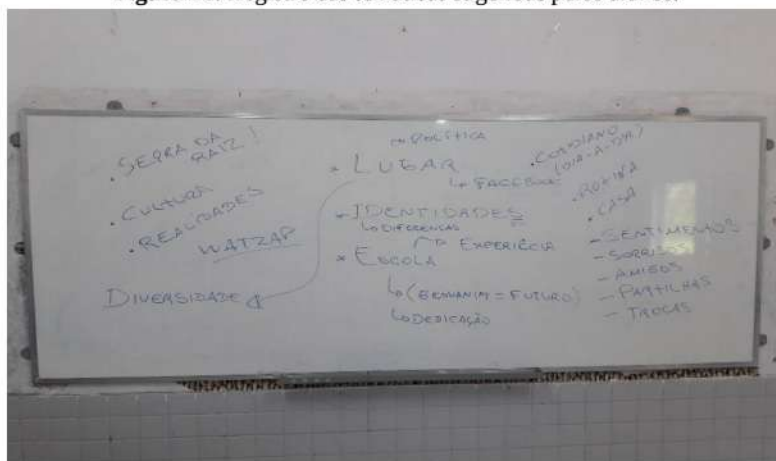


Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Estabelecer a interação para promover a criticidade dos alunos tornou-se a proposta metodológica mais plausível desse trabalho, em conformidade com as figuras 11 e 12. Nessa perspectiva, introduzimos em nossas práticas, sobretudo nas turmas do ensino médio, uma abordagem de reciprocidade o quanto mais aberta possível, dialogando sobre os conteúdos, valorizando o conhecimento prévio de cada um e também se voltando para envolver outros valores. Constando que, as participações de cada aluno foi o que trouxe os maiores frutos e significância, paralelamente à realização e interesse dos mesmos indivíduos em se empenhar nos discursos, cujas temáticas eram postas no quadro sobre a indicação deles, apenas o eixo da temática era dirigida por nossa sugestão, entretanto:

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (MIZUKAMI, 1986, p. 86).

Figura 11: Registro das temáticas sugeridas pelos alunos.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Figura 12: Registro dos diálogos e interações com os alunos.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Salientamos que se buscou um grau de passividade em demonstrar os resultados de nossa intervenção, como também entendemos que a integridade dessa prática só seria possível através de um trabalho contínuo. Porém, essa maneira embora ainda tímida de diminuir a imagem preponderante do professor e de incluir o aluno ativamente no processo, possibilitou, através da alternância das vozes e trocas de ideias, a percepção da noção que os alunos tinham sobre o lugar e os fatores que o circunstanciam, bem como propiciou a reflexão sobre a vida em sociedade, sobre a vida cotidiana, fazendo transparecer algumas angústias sofridas e também alguns detalhes elementares das influências modernas sobre cada intimidade. Essa façanha delineou contribuindo para um esboço de auxílio e incentivo para gerar neles atitudes de superação e autonomia, traços comumente engendrados pela perspectiva socioconstrutivista.

O homem se constrói e chega a ser sujeito na medida em que, interagindo em seu contexto, reflete sobre ele e com ele se compromete. O homem é desafiado constantemente pela realidade e a cada um desses desafios deve responder de maneira original. Não há receitas ou modelos de respostas, mas tantas respostas quanto forem os desafios, sendo igualmente possível encontrar respostas diferentes para um mesmo desafio. A resposta que o homem dá a cada desafio não só modifica a realidade em que está inserido, como também modifica a si próprio (MIZUKAMI, 1986, p. 90-91).

Nessa circunstância, avaliar a aprendizagem pode ser um critério simplificado através da relação existente entre a expressão e coerência com os assuntos em estudo mediante o interesse e participação individual, em cuja possibilidade se cria o indício necessário e favorável ao que tange dentro dessa proposta para uma educação com abordagem capaz de trazer, objetivamente, uma consciência de autoavaliação, capaz de estimular e fazer revigorar no indivíduo o engajamento na luta por liberdade e uma progressiva emancipação, à medida que o impulsiona a interferir e conseguir romper a película transparente que o separa de sua realidade, fazendo com que o seu olhar geográfico sobre os processos e relações espaciais não seja mais desordenado, embaraçado ou com pressupostos abstratos, mas com uma nova conjectura que o faça transparecer clarividente, concreto e com profundidades criticamente compreensíveis.

CAPÍTULO 3 – PARA SE FAZER CONHECER OS PASSOS E DESCOMPASSOS CONJUNTURAIS DE SERRA DA RAIZ/PB

Sobre as interlocuções que se permitiram com os professores de Geografia durante os períodos de observações dos nossos estágios supervisionados, o principal motivo alegado por eles como impedimento metodológico para atenuar e problematizar processos e fenômenos mundiais em escala local, foi a falta ou inacessibilidade de literaturas dos fatores próprios e estruturais do espaço geográfico do lugar, o que, para eles, dificulta a ação em inter-relacionar as extremidades nessa forma de análise, contrapondo com a utilização de apenas exemplos locais simples e sem formalidades perante a amplitude dos conteúdos curriculares que precisam trabalhar em sala de aula, principalmente, por meio o livro didático. Nesse ínterim, a nossa pesquisa também se preocupou em reunir eventuais pontos dessa disfunção e carência de conteúdos sobre Serra da Raiz/PB, aludindo sempre para aproximar e incluir a visão dos alunos na reflexão sobre tais conteúdos, assim como uma consistência em sempre observar, na abordagem, o cunho qualitativo da intervenção.

Dentre tantos, demonstrar os pontos que configuraram Serra da Raiz/PB pode obedecer a uma cronologia de fatos interligados às ordens econômicas e políticas, internas e externas, que moldaram a estrutura do lugar e os parâmetros da sociedade local. Isso também implica dizer que, para o estudo sobre o lugar e do cotidiano ter um efeito útil, é razoável introduzir um estudo focado na realidade desses fatos, permitindo observar Serra da Raiz/PB e suas características num palco de determinações do que é originado nos diferentes locais, de modo semelhante, refletir como se desenvolveram os meios e técnicas de produção, interpretar a própria intervenção do Estado e de ideologias que se propagaram espacialmente de forma desigual, garantindo uma perpetuação para os diferentes modos de vida, originando um mundo composto por lugares e regiões desigualmente desenvolvidas, porém, agrupados. Salientam Berdoulay; Entrikin (2012) que é realmente preciso recolocar o sujeito na perspectiva dessas relações para trazer a consciência que em si mesmo mantém com o lugar:

Procuramos, com efeito, insistir sobre essa parte ativa de um sujeito que se transforma, ele próprio, ao transformar o mundo no qual se insere. É o jogo do distanciamento do sujeito, ativo e autônomo, em relação ao seu ambiente que prende nossa atenção, a fim de apreendermos a construção do “entre-dois”, que constitui em nossa perspectiva, o lugar. Este exprime um trabalho do sujeito sobre o mundo e sobre sua relação com o mundo; ele é, assim, tensão a dois títulos, mas também tensão entre sua própria singularidade, que ele constrói, e sua inscrição no mundo (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 103).

Certamente, os processos podem ser compreendidos mais satisfatoriamente pelo aluno, através da procura e execução da mais adequada transmissão veiculada, principalmente, pelo professor, que deverá permear despertando o interesse e inspirando uma simpatia pelo assunto, não deixando de lado a elucidação da verdade e o que há por trás de cada situação, de sorte que todo o conjunto de fatores que geram transformações na sociedade e nas subjetividades vão ganhando luz. Isso também poderá se fazer paulatinamente em momentos de congruência com os conteúdos do livro didático, assim que surgirem as oportunidades. Um exemplo é quando vai se explicar como se deu a própria divisão internacional do trabalho que criou uma hierarquia entre os lugares e restabeleceu particularidades entre os traços e funções.

As orientações podem ir muito além, pois existem muitas formas para enriquecer o estudo do lugar, mas sempre permeando a lógica em que, na visão de Callai (2009), “o processo de ensino aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos, bem como é fundamental considerar que a aprendizagem é um processo do aluno e as ações que se sucedem devem ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo”. Para tanto, a autora ainda conduz para se trazer uma consciência espacial, trabalhar os diferentes níveis de escala de análise, demonstrar como a paisagem revela a realidade do espaço em determinado momento do processo e que, através disso, é possível conhecer a história da população local, é possível observar, descrever e comparar os lugares, dessa forma apontar para as características que evidenciam a sua identidade.

Assim, destacamos que os processos são ordenados historicamente e, para as peculiaridades formadoras do espaço geográfico de Serra da Raiz/PB, há possibilidade de serem analisadas a partir da extinção do antigo aldeamento potiguara, onde uma situação geopolítica de iniciativa externa garantiu o controle e a ocupação do território da antiga Copaoba, pois, com o sistema sesmarial, o governo português conseguiu implantar o projeto político ideológico de controle, exploração e de modelo piramidal da sociedade. Com base em Almeida (1966) e Madruga (1955), sobre esse momento histórico o qual foi posto em pauta desde o capítulo anterior, verificou-se, quanto às transformações das paisagens advindas da mudança do sistema político e econômico, que o surto do extrativismo marcado principalmente com a derrubada do pau brasil foi substituído por um novo ciclo econômico que provocou ainda mais a devastação das paisagens naturais: a atividade extensiva da pecuária.

A realização dessa atividade pode ser apontada como uma função do plano de colonização que ainda permanece em Serra da Raiz/PB até os dias atuais, sendo uma das representações produtivas e da sociedade de consumo em escala local que mais tem agredido a flora e a fauna através da derrubada das matas para garantir o pasto para o gado, com o

desrespeito e pisoteio das vertentes de água que deveriam ser usadas como uma garantia no período de estiagem, a exemplo da fonte “Cacimba do Augusto”, uma das principais nascentes do rio Camaratuba.

Em outubro de 2005, a CPRM¹⁸ – Serviço Geológico do Brasil, em um projeto de cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea do Estado da Paraíba, elaborou o diagnóstico do município de Serra da Raiz/PB, de onde obtivemos algumas informações e fizemos o levantamento de que no perímetro dessas nascentes, assim como em quase toda as extensões dos latifúndios que elas fazem parte, não se veem árvores, o que não garante a sombra para a umidade do solo, como uma ameaça à fluidez da água vinda do lençol freático, causando o desequilíbrio e problemas também às comunidades ribeirinhas do baixo percurso do rio que, certamente, necessitam dessa água para a produção de alimentos.

Embora no início desse processo não existisse a consciência dessa gravidade, hoje a permanência dele representa um verdadeiro crime ambiental e desrespeito ao Código Florestal Brasileiro, ainda que prevendo multas e sanções para proprietários de terras em desacordo com a legislação, o não cumprimento desses requisitos persistem, dos quais podem emergir uma cadeia de problemas também verificáveis para toda a bacia hidrográfica do rio Camaratuba que, segundo a Caracterização das Bacias Hidrográficas da Paraíba, publicada pela AESA (Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba) no ano de 2006, demonstra uma grande extensão perfazendo uma área aproximada de 637,16 Km², compreendida desde a sua nascente à sua desembocadura. Para tanto, os cuidados são iminentes, inclusive com as matas ciliares, em que na Lei n° 12.651, sancionada em 25 de maio de 2012, dispõe das áreas consolidadas em áreas de preservação permanente, no seu artigo 61, no parágrafo 3°:

Para os imóveis rurais com área superior a 2 (dois) módulos fiscais e de até 4 (quatro) módulos fiscais que possuam áreas consolidadas em Áreas de Preservação Permanente ao longo de cursos d'água naturais, será obrigatória a recomposição das respectivas faixas marginais em 15 (quinze) metros, contados da borda da calha do leito regular, independentemente da largura do curso d'água (grifos nossos).

O estudo do lugar se torna aqui uma oportunidade para refletir com o aluno sobre a importância da preservação e conservação ambiental no espaço de suas experiências, uma vez que a qualidade de vida é ameaçada em virtude do modelo que foi implantado e trouxe alterações à configuração da interação entre homem e natureza, realizada de forma predatória e indiscriminada, podendo, ainda nesse estudo, refletir e caracterizar a biodiversidade da paisagem, como também analisar políticas nacionais do meio ambiente, salientando sobre

¹⁸ Empresa pública vinculada ao Ministério de Minas e Energia.

esferas de preocupação como a contaminação das águas, do ar, dos solos e dos próprios seres vivos, tornando-se indispensável incorrer sobre a conservação dos recursos naturais.

Mas tem um fator que é fundamental e ainda está desconhecido pela maioria dos alunos: com base nas observações de nossos estágios, notou-se que ao menos sabem da existência dessas nascentes e do curso inicial desse rio no município de Serra da Raiz/PB, como no exemplo demonstrado na figura 13, tão importante, mas que pouco se procurou examinar. O motivo do desconhecimento pode ser compreensível em razão do próprio Estado que zela muito mais por propagar o ecoturismo na exuberante foz¹⁹ do rio Camaratuba, em prejuízo dos cuidados da cabeceira do mesmo rio.

Figura 13: Registro atual da devastação em uma das principais nascentes do rio Camaratuba, localizada em Serra da Raiz/PB, causada em virtude da criação extensiva de gado bovino.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Reiterando para o ressurgimento do lugar, pode se dar a conhecer aos alunos, como um grande número de cidades teve seu início estreitamente ligado a industrialização. Todavia, após muitos anos da apropriação do seu território pelos portugueses, e mesmo com traços rústicos, a indústria do algodão propiciou o surto urbano de Serra da Raiz/PB, como consta em documentos dos históricos das cidades publicados pelo IBGE, na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros:

Destaca-se um Senhor Major Costa que construiu, no pequeno aglomerado, uma rústica indústria de beneficiamento e fiação de algodão, conhecida como “Bolandeira”, fator primordial para que se construísse novos prédios em suas imediações, proporcionando o

¹⁹ Barra de Camaratuba: desembocadura do rio Camaratuba situada entre os municípios de Mataraca e Baía da Traição, no litoral norte da Paraíba.

crescimento e o progresso da povoação. Com a doação de uma faixa de terra pelos seus moradores, foi construída a Capela do Senhor do Bonfim, em taipa e de pequenas dimensões para o número de adeptos.

O plantio da lavoura algodoeira foi fundamental para o surgimento e, sobretudo, para redefinir as classes sociais, para instaurar e solidificar as bases materiais que possibilitaram o desenvolvimento da área urbana de Serra da Raiz/PB. Dessa forma, presumem-se as novas mudanças advindas para a paisagem do espaço local, sejam das naturais, nos moldes depredatórios já relatados e, principalmente, as sociais que se deram com pressupostos progressivos causados pela possível ascensão do espaço urbano que, apesar da estagnação dos equipamentos e objetos técnicos da produção, as conseqüentes transformações sobrevieram à estrutura da vila que mais tarde se tornaria cidade, como por exemplo, a instalação de energia elétrica que provocou grandes alterações na forma e na vida local, ao passo que as citadas matas testemunhas deram ao espaço que sobrou, além do pasto para o gado, à tal cultura do algodão:

Devemos o reconhecimento do fenômeno econômico-social típico do século XIX na Paraíba. Trata-se da expansão da lavoura algodoeira que, primitivamente fixada no sertão, invade o brejo, chegando até a zona úmida dos canaviais (OCTÁVIO, 1994, p. 97).

As culturas da cana-de-açúcar e do sisal também contribuíram muito para essa consolidação estrutural, delineamento das fronteiras e organização do proveniente lugar. Afirmo Madruga (1955) que a lavoura da cana-de-açúcar chegou a reunir 15 engenhos de aguardente e rapadura em pleno funcionamento. Isso gerou acúmulo de capital, todavia, sob enorme concentração de renda e de terras que proporcionaram a intensidade do poderio dos latifúndios locais, tornando, entre os habitantes do lugar, cada vez mais aparente a insensatez da distância entre os que detêm o capital e aqueles que sobrevivem à mercê das compulsórias imposições, uma vez que a grande parcela da sociedade não obtinha lucros e encontrava-se submetida a trabalhos duros e insalubres, como é ratificada indiscretamente tal desigualdade em um discurso com tom de superioridade proferido por um outro escritor²⁰ serra raizense, filho de um dos senhores de engenho de Serra da Raiz/PB:

Do alto da casa-grande ele observou todo o movimento do engenho. Observou o trabalho rústico dos servos do seu pai, nas terras do Engenho Lameiro, onde mandam nos seus “com autoridade de senhores” (OLIVEIRA, 1960, p. 11).

²⁰ Trata-se do Padre Luís Gonzaga de Oliveira, filho natural de Serra da Raiz/PB, vindo do berço do senhor do engenho Lameiro e de um grande latifúndio, arquiocesano, diretor e jornalista do jornal católico *A Impensa*. Foi professor da Universidade Federal da Paraíba, literato e historiador. Político influente na campanha para emancipação política de Serra da Raiz/PB.

Todavia, são imprescindíveis destacar as principais produções e a economia, mas é essencial meditar com os alunos sobre a distribuição da renda, assim como a dinâmica de cada uma dessas eventualidades, constando que, no intervalo entre esses fatores, nas lavouras de algodão e de cana-de-açúcar também foram utilizadas mãos-de-obra escravas, reforçando que os negros vindos principalmente da África, também contribuíram com suas riquezas culturais e não apenas com o trabalho forçado, mas como num ajuntamento para a heterogeneidade dos padrões comportamentais aqui arraigados. Entretanto, a servidão durou por muitos anos, mas a opressão conseguiu transpassar vários limites, a exemplo da efetiva perpetuação das estruturas sociais, transmitida como pressuposição e sucessão, assim como as terras e as riquezas que permaneceram com a sorte das conseguíntes gerações.

Em 1866, falecia o Major Costa, deixando todos os seus bens, em testamento, para o seu genro... José Porfírio de Oliveira, que todos chamavam “o tenente Cazuza” – era o poderoso senhor do engenho Lameiro, dono de terras sem conta e de dezenas de escravos. Suas manadas pastavam por várzeas que se perdiam de vista (MADRUGA, 1955 p. 58, grifos nossos).

Com o passar do tempo, os ciclos econômicos mais intensos tiveram fim, os plantios de algodão, o sisal e cana-de-açúcar deram lugar à insistente e empenhorada criação extensiva de gado bovino onde, para a agricultura de subsistência, apenas porções de terras por meeiros ou alguns arrendatários, migalhas para o pequeno agricultor trazer o sustento a sua família sob uma perversa realidade fundiária. Porém, um fenômeno importante pode ser observado nesse espaço de tempo, que os estágios de distrito e vila sob domínio de outros centros anteriores a emancipação política, não impactaram tanto o desenvolvimento local quanto a própria dinâmica do sistema internacional que definiram as bases modernas e inteiramente capitalistas de reprodução social, mediante o ordenamento da divisão internacional do trabalho que implicou mudanças e subordinação desse espaço.

Desse ponto de vista, cada lugar, como cada região, deve ser considerado um verdadeiro tecido no qual as condições locais de infraestrutura, recursos humanos, fiscalidade, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades em dado momento (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 297).

Hoje, existe apenas um engenho de aguardente em funcionamento na circunscrição do município, o Imaculada Conceição que produz a Cachaça Serra Limpa, ofertando uma boa quantidade de empregos temporários e permanentes para a população de Serra da Raiz/PB, como consta na figura 14, mas há uma obstrução por não divulgarem a marca como pertencente ao real lugar de origem. Enquanto as ruínas de outros antigos engenhos são constantes como traços de rugosidades para paisagem local, distribuídas pela zona rural como está destacado no

registro da figura 15. Embora a antiga instalação do engenho referenciado nessa figura tenha passado por uma reforma na década de 2010, o ressurgimento de sua atividade produtiva não conseguiu se estabilizar no mercado e caiu novamente em declínio.

Figura 14: Registro sobre a dinâmica das atividades produtivas da Cachaça Serra Limpa, engenho Imaculada Conceição, na zona rural de Serra da Raiz/PB.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Figura 15: Antigas instalações do Engenho Boa Vista, zona rural de Serra da Raiz/PB.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

A outra atividade em derrocada, dentre as principais produções, foi o sisal, mais conhecido nessa região como agave em que, segundo Madruga (1955), Serra da Raiz/PB teve

grande parte do seu território ocupado com a plantação, produto que rendeu muito lucro para os grandes e medianos proprietários das terras do município na década de 1950. Um segundo bom exemplo para a propositura do estudo sobre o agave em Serra da Raiz/PB é uma referência escrita por Antônio Teixeira Filho, em uma obra representada em formato de cordel, contemporânea a decadência dessa cultura, chamada *A queda do agave e o choro dos agavistas*²¹, em cuja parte do documento diz:

Leitores da Paraíba / Reina grande confusão / Com a queda do agave / Só se ver reclamação / Por se ver bombardeado / Com esta infeliz plantação / Me disse um paraibano / Lá de Serra da Raiz / Que todos os proprietários / Tristemente se maldiz / Cada qual que se aperreia / Porque a terra está cheia / Deste plantio infeliz. / Agora é que vai se ver / Se agave tem valor / Se dinheiro de agave / Enrica o plantador / Quem tem muito vai chorar / Por não ver ele voltar / A seu preço anterior (TEIXEIRA FILHO, S/D, p. 1, grifos nossos).

A industrialização tardia brasileira e os objetivos políticos da administração federal que abriram as comportas para o fortalecimento do modelo político-econômico vigente, intensificado ainda mais a partir de 1950, trouxeram impactos gigantescos para a economia e para a organização regional e local, direcionando os horizontes da cidade para a conseqüente segregação. Todavia, a economia descontínua e a falta de infraestruturas quanto ao uso produtivo, ocasionou mudanças provenientes desses fenômenos como problemáticas específicas, a exemplo da retirada do homem da zona rural para a cidade, num processo simultâneo ao ocorrido em todo o país e que se acentuou na década de 1970.

A aceleração da ocupação urbana de Serra da Raiz/PB, mesmo com pequena população, trouxe problemáticas para a paisagem geográfica desde o desordenamento ocupacional com ruas mal projetadas, à situação social de falta de emprego pela ausência de indústria, acarretando, conseqüentemente, numa perda progressiva populacional com efetiva migração principalmente para o sudeste do país. Dados oficiais²² de 1950 referentes a Serra da Raiz/PB conotam a riqueza da produção agrícola e a distribuição da população que, sob um processo de coação externa, trouxe falência para os produtores e saída da população em busca de melhores condições de vida, esses dados foram ratificados por Madruga (1955) junto a indicação de que Serra da Raiz/PB possuía 15 engenhos para a fabricação de rapadura e aguardente e com grande parte do seu vasto território com a plantação de agave, esses foram os fatores que permitiram a coexistência de uma população de “16.348 habitantes”, sendo 923 habitantes da zona urbana e 15.425 da zona rural.

²¹ Obra disponível na Biblioteca de obras raras Atila Almeida no Campus I da UEPB.

²² Dados do Censo Demográfico do Estado da Paraíba e do Recenseamento Geral de 1950, também apresentados por Madruga (1955).

Mas, com o processo de declínio das culturas produtivas, sobreveio uma enorme e consequente perda populacional, onde, atualmente, a população total incluindo zona urbana e rural é de “apenas 3.204” habitantes, uma diminuição populacional exorbitante, segundo o censo do ano de 2010 do IBGE. Assim, embora com população predominantemente urbana, apresenta características agrícolas e intensificadas problemáticas sociais devido à presença dos latifúndios, sobretudo com a suscetível falta de políticas públicas voltadas não só para reforma agrária, mas pelo descaso público com o desenvolvimento coletivo e diminuição das distâncias e acessos como um todo, subordinando a população a estritas fontes de renda como Fundo de Participação dos Municípios, mediante oferta de poucos empregos na Prefeitura e algumas bolsas de benefícios sociais, ao passo que a forte presença de políticas voltadas ao assistencialismo, como ajudas momentâneas e pontuais é um dos principais entraves ao progresso local, tornando a população cativa aos anseios de pequenos grupos que vêm obstruindo um decorrente e pleno desenvolvimento.

Dentro desse contexto, existem muitos arquivos sobre Serra da Raiz/PB que podem ser abordados em sala de aula, observando-se resguardar qualquer intervenção política de cunho partidário, por meio de textos como o seguinte trecho que soa muito interessante sobre a questão da inclusão social no município, retirado do jornal Diário de Pernambuco no ano de 1980²³, trata-se de uma carta enviada ao Papa João Paulo II durante a sua primeira visita ao Brasil, onde diz:

Nós queremos que nosso pastor fique sabendo para nos ajudar na sua fala aos poderosos, que matam agente aos poucos. Não temos onde trabalhar, as terras se enchem de capim e de boi. Os poderosos estão atrapalhando os planos de Deus, invadindo as terras com cerca de arame. Tem que morar na rua, sujeito a comprar de tudo sem poder comprar uma casa e nem tampouco pagar aluguel. As mães ficam aperreadas, com seus filhos chorando de fome e elas sem comer para dar. A nossa legítima mãe é a terra, e está presa nas mãos dos tubarões, para ninguém trabalhar. Relata um abaixo assinado feito por 150 agricultores de Serra da Raiz, na região do brejo paraibano, enviado ao Papa João Paulo II.

Mas, quanto a “politicagem” em Serra da Raiz/PB, tais práticas não são recentes: assim como a falta de cuidados com o bem-estar da população, o mesmo descuido com os valores históricos e culturais locais que formaram peças ímpares para a composição da historiografia da Paraíba, promovendo o enfraquecimento da imagem do lugar numa reprodução invertida e restritiva do poder público, em um bojo em que a população não tem participação. Deste modo, um panorama de encadeamentos se apresenta principiado por estratégias políticas inseridas no

²³ Fonte: Jornal Diário de Pernambuco, janeiro de 1980. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

âmbito de produzir e manter as relações de poder, voltadas a determinantes de senhorios como os das antigas oligarquias detentoras dos empreendimentos dos ciclos da economia, um certo étnico-elitismo, assim, historicamente se estabeleceu desde outrora, como aponta Cabral (2018): “apesar de uma série de discursos mistificadores colocarem tons áureos e heroicos à emancipação política de Serra da Raiz, o acontecimento foi resultado de uma longa disputa de poder, fruto de interesses das elites locais.”

A emancipação política de Serra da Raiz ocorreu tardiamente, apenas em 1959, por vez que estava mais que comprovada a condição da antiga vila Serra da Copaoba de consolidar-se e desenvolver-se. Mas o motivo que a elevou para a categoria de município se deu visando ao alcance de outros objetivos que, para Bezerra (2016), “as alterações foram resultados das políticas de Pedro Gondim, que sancionou a emancipação de 84 municípios, ganhando, desta forma, amplo apoio das elites locais nas eleições para governador em 1960”, fato que legitimou a primazia e ascendência de um grupo para a direção e administração local, um certo “clientelismo” que, a partir daí, revigorou no seguimento feito com arte sutil em apropriar-se de tantos espaços.

Interessante é que no conjunto de obras literárias locais, há um “mito” questionável: enquanto no estágio de vila, Serra da Raiz/PB não se desenvolvia porque estava sob o domínio de outros centros, mas um olhar geográfico acerado remete à problemática para a própria conjuntura da estrutura social e política que aqui foi formada, pois, as riquezas estavam concentradas nas mãos de poucos, então, como pensar em desenvolvimento sem que haja uma menor disparidade entre as classes sociais? Sem uma melhor distribuição das terras, das produções e das rendas não é possível ajustar-se a esse emblemático desenvolvimento. Porquanto, o lugar também não se reestruturou às exigências externas para se manter numa posição relativa de interesses do mercado, nem conseguiu educar seus filhos com habilidades técnicas e se reinventar para receber novos empreendimentos mesmo desse modelo aparente de crescimento e progresso.

Evidenciamos que, dada a emancipação, não bastasse os anseios políticos, a modificação toponímica²⁴ desvirtuou alguns padrões originários. Pois, a mudança do nome de

²⁴ A toponímia refere-se a mudança do nome próprio dos lugares. Relata o historiador Manuel Madruga, na obra Serra da Raiz, escrita em 1955, p. 19, que ainda houve a tentativa de mudar o nome de Cupaoba para Maia Branca, relata além disso, que a denominação Serra da Raiz veio para um nome mais sugestivo e sonoro por meio das priscas eras do “ano da graça” de 1795, (que faz referências às concessões de sesmarias). Mas consta-se ainda que também foi chamada de Gahamububa e tentaram introduzir o nome Nova Jerusalém. A primeira elevação a categoria de distrito de paz foi em 1863; passou a ser vila em 02 de outubro de 1884, sob a Lei de N° 776; ratificada pelo Decreto Estadual de n° 1.164 de 15 de novembro de 1938; vindo a ser elevada à categoria de município em 21 de janeiro de 1959; durante essas variações categóricas sobrevieram as modificações toponímicas de Copaoba para Serra de Cupaoba, posteriormente, Serra da Raiz/PB.

Cupaoba para Serra da Raiz/PB, alterado pelo decreto-lei estadual de nº 520, de 15 de novembro de 1943, desfigurou o elo das memórias históricas da terna Copaoba, porque o sentido etimológico do novo nome – Serra da Raiz/PB – se refere a uma raiz medicinal desaparecida e irresoluta, não exprime um significado tão importante quanto o nome anterior. A respeito, assim como era nos antigos vestibulares da UEPB e UFPB, tem vigência para os presentes concursos públicos estaduais, o conteúdo de provas de história da Paraíba que trazem consideráveis referências da antiquíssima Copaoba, mas há uma ausência de regularidade para as pessoas poderem associar os vínculos, não conseguindo fazer uma ligação à atual Serra da Raiz/PB, salvo quando comentado na própria redação dos documentos consultados.

Segue um breve exemplo dessas questões de provas de concursos na figura 16, dentre várias outras que o professor pode levar para a sala de aula e fazer, com os alunos, uma análise sobre diversos pontos concernentes à problemática, destacando, inclusive, como através de um plebiscito ou mesmo de projetos que provoquem o poder público, poderia trazer de volta o antigo nome para provocar a recordação histórica, um ganho para a cidade sob a orientação dessa pendência e reparo para a airocidade e o garbo das virtudes do lugar, cujos “filhos” patrocinaram a guerra que provocou a criação da Paraíba, cujos solos tornaram-se, posteriormente, no palco das preocupações geopolíticas colonizadoras, assim trazer fluxos para os aspectos culturais que encontram-se fixos, a exemplo da revitalização do sítio arqueológico Loca da Nega, proporcionando a criação de uma reserva legal e até mesmo um ponto de ecoturismo sob requintes de sustentabilidade, movimentando a economia através da geração de empregos diretos e indiretos.

Figura 16: Questão de um concurso público do Estado da Paraíba realizado no ano de 2009, elevando a importância da Tragédia de Tracunhaém, fato que teve como protagonistas os potiguaras da antiga Copaoba.

34ª QUESTÃO

As hostilidades dos portugueses com os índios se agravaram muito após o rapto da filha de um cacique potiguar. Os apelos ao Rei de Portugal por uma solução se intensificaram.

Qual foi o episódio que motivou a criação da Capitania Real da Paraíba?

- a) A invasão à Ilha da Restinga pelos franceses e holandeses
- b) A invasão da Baía da Traição pelos índios tabajaras
- c) A ocupação dos fortes São Felipe e São Tiago pelos índios tapuias
- d) O combate entre portugueses e espanhóis no rio São Domingos, antigo nome do rio Paraíba
- e) A Tragédia de Tracunhaém

Fonte: UEPB – Convest, 2009.

Essa impassibilidade representa um desprestígio para a consagrada história do lugar, levando ao questionamento e o porquê de não ter mantido o singeleza e originalidade do antigo nome, assim como se fez nas cidades circunvizinhas de Jacaraú, Pirpirituba, Guarabira, Araçagi, dentre tantas outras que mantiveram a nomenclatura oriunda das línguas nativas. Esse repensar pode se tornar mais inteligível através de uma paráfrase ou da própria interpretação do que o nome Copaoba representava para a elite dominante, não tinham o menor apreço pelos nativos ou pelos seus símbolos, como se permite afirmar ao fazer analogia às inclinações ideológicas de José Américo de Almeida²⁵, governador da Paraíba na década de 1950, que afirmou no jornal O Norte da Paraíba, em 22 de janeiro de 1953, ter por Serra da Raiz/PB “as mais caras reminiscências”, amigo estimável e de laços muito próximos com as elites locais, afirma:

A psicologia do paraibano tem características precisas: o sentimento da família, a benevolência, o amor à gleba, o espírito de ordem, a fortaleza de ânimo e a dedicação ao trabalho. Sua vontade é, porém, desorganizada por uma lamentável imprevidência que alguns atribuem a herança moral dos “selvagens”. É a falta do senso econômico, do hábito de amealhar, o descaso pelo dia de amanhã (ALMEIDA, 1993, p. 177, grifos nossos).

Consequentemente, consolidada a emancipação do município e a criação da cidade como sede, a forma de administração pública que se estabeleceu e predominou não superou os pontos da política de intenções, não transfigurando em práticas para remediar as desestruturas e a falta de participação popular no que diz respeito as garantias constitucionais e democráticas de direito. Longe de se pensar em viabilizar a construção de uma cidade ideal, devido principalmente à omissão do interesse público e na falta da elaboração de um plano diretor que prime pelos interesses da coletividade, sob uma integração do bem-estar social. Todavia, o que se instaurou foi um processo de segregação sócioespacial, lembrando que o município pode não ter tantos recursos, mas o drama em torno das contestações se promovem pelos choques de realidades, indagados por uma voz de silêncio ou mesmo dos sussurros e lamentações dos habitantes que não conseguem protestar por justiça social.

O art. 182 da Constituição Federal de 1988, logo no parágrafo primeiro, torna obrigatória a criação do plano diretor apenas para cidades com mais de vinte mil habitantes, como um instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana. Como Serra

²⁵ José Américo de Almeida, influente político paraibano, natural da cidade de Areia-PB, também foi importante escritor romancista, cronista, professor universitário e advogado. Tinha íntima amizade com o Padre Luís Gonzaga de Oliveira, também político e filho de senhor de engenho, natural de Serra da Raiz, o que o fez ter proximidade com o lugar e destinar para ele algumas benfeitorias como a criação da primeira escola ao qual denominou Grupo Escolar Padre Emídio Fernandes, em 12 de dezembro de 1952.

da Raiz/PB não é tão numerosa, estaria desobrigada de tal empenho. Mas, pensando a pequena cidade, segundo orientação da Lei 10.257, o Estatuto da Cidade estabelece as diretrizes gerais para políticas urbanas onde a administração pública deve estar mais disponível à população, o que remete para os direitos sociais mínimos previstos no art. 6º da Carta Magna, ou mesmo para a dignidade humana. É também nesse interesse que a feição do estudo do lugar e do cotidiano cultiva o caráter de responsabilidade social da Geografia, utilizando-se de preceitos jurídicos normativos para reclamar devidas competências e obrigações, assim reza o art. 6º da Constituição Federal em vigor: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituinte.”

Essas contribuições, em aulas de Geografia, remetem um debate que converge para encaminhar alternativas e pensar em soluções, diferentes das viabilizações de planos quantitativos que promovem a periferização, pois a sociedade está perdendo em educação, saúde e tantos outros requisitos básicos principalmente por causa do mau uso de receitas públicas que, muitas vezes, correm o risco de serem utilizadas para fins vagos e indeterminados. Portanto, é importante trazer a reflexão sobre democracia e que incite, especialmente, aos indivíduos exercerem a cidadania, sobretudo com dignidade, em contraste com os antigos “cabrestos” e para livrarem-se dos disfarces de supostos “currais eleitorais” que insistem em perdurar, promovendo um enfraquecimento para as taxativas políticas de favores e assistencialismo presentes no município.

Essa administração contribui, de certa forma, para a permanência de determinados critérios de intervenção sobre a vida urbana que redundam em recorrentes fracassos na execução das estruturas administrativas responsáveis pelo planejamento. Postula que os professores e pesquisadores voltados à interpretação e análise da cidade e do urbano como manifestação concreta da sociedade em seu movimento histórico, têm muito a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática (SILVA, 2010, p. 192).

Um outro papel que ressurge e carece de análise é o da iniciativa privada, pois, para um conveniente ordenamento, a propriedade urbana também deve cumprir sua função social e adequar-se às exigências fundamentais. A cidade de Serra da Raiz/PB já conta com a instalação de um moderno, luxuoso e estruturado condomínio chamado Mirante da Serra, registrado nas figuras 17 e 18, fator que aqueceu a especulação imobiliária e promoveu a abertura de novos loteamentos, a exemplo do loteamento Villa Flores. Segundo o proprietário do condomínio, os terrenos são rapidamente negociados devido, além da infraestrutura oferecida, às riquezas das paisagens naturais de Serra da Raiz/PB e facilidade de pagamento mediante longo prazo e baixo valor das parcelas que variam a partir de R\$ 230,00.

Enquanto o Loteamento Villa Flores vem propiciando um fenômeno como um pequeno rebatimento do espaço agrário, por vez que liga a área urbana à rural mediante a oferta de lotes com extensões propícias e voltadas à práticas agrícolas, em conformidade com a figura 19. Ressaltando que, quando examinada em sala de aula, a incidência desse assunto permeada pela reflexão em conjunto com os alunos, deve incumbir o desígnio de que esse novo fluxo de especulação imobiliária contempla horizontes que também devem estar previstos num plano diretor, que justifiquem além da promoção de acessibilidade à terra, toda uma pauta sobre as pretensões e observância dos requisitos agregados à sociabilização e ao respeito com o meio ambiente.

Figura 17: Registro de uma área da parte externa do condomínio Mirante da Serra, Serra da Raiz/PB.



Fonte: Noronha Monteiro, 2018.

Figura 18: Registro de uma das áreas internas do condomínio Mirante da Serra.



Fonte: Noronha Monteiro, 2018.

Figura 19: Destaque para o significativo cultivo de inhame dentre das também presentes produções agrícolas do milho, feijão, mandioca e batata doce, intensificadas no loteamento Villa Flores, Serra da Raiz/PB.



Fonte: Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior, 2018.

Quanto ao funcionamento das atuais atividades econômicas de Serra da Raiz/PB, destacamos que também é imprescindível analisá-las como toda uma dinâmica através do que acontece em volta do cotidiano dos seus habitantes. Pois o aprofundamento com esse foco auxilia a compreensão dos novos processos de produção, abordando as velhas e contínuas sequências que traçaram as fontes de riquezas, importando saber, como acontece hoje, a concentração dessas riquezas produzidas diante da má distribuição da renda entre os habitantes. Em 2016, segundo o IBGE, o salário médio mensal em Serra da Raiz/PB era de 1,5 salários mínimos, porém, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total tinha um número inferior a 9,4%, sendo que esse número pode se tornar ainda mais alarmante se considerar os domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, pois apresentava 50% da população nessas condições.

Ainda com base no IBGE,²⁶ quanto ao panorama da economia de Serra da Raiz/PB, verifica-se que a agricultura familiar, a pecuária e a avicultura ocupam relevante espaço no setor primário e, conseqüentemente, uma pequena e tímida produção da indústria também aparece no quadro do setor secundário. O comércio contribui muito para o setor terciário, todavia, a maior participação vem dos serviços e administração pública. Essa parcela é gerada graças à colaboração do Governo Federal mediante o FPM (Fundo de Participação dos Municípios) nas receitas orçamentárias em 61,1% de contribuição. Considerando ainda a adição de $\frac{1}{4}$ do PIB

²⁶ Disponível em cidades.ibge.gov.br.

sobre a contribuição dos aposentados e pensionistas e o benefício do Programa Bolsa Família entre 400 e 450 famílias beneficiadas. Quando somados BF+INSS verifica-se que 42% da renda de Serra da Raiz/PB advém dessas políticas públicas.

Dentre os exemplos que se podem mencionar, a produção agrícola é pequena e inferior ao consumo da população do município, coincidindo com uma atividade industrial que, embora tenha sua importância, é praticamente ausente: quando se confere a origem dos produtos em circulação no município, percebe-se que o processo de globalização foi intensificado ao mais perto possível do seu cotidiano, pois as mercadorias consumidas se originam em diferentes lugares e muitas delas são fabricadas em outros países. Portanto, é extremamente importante que se conheçam os acontecimentos que envolvem e se interligam a produção, o consumo e suas aplicações na vida cotidiana, de maneira que é interessante assumir uma posição não apenas diante do consumo, mas diante de todo esse complexo sistema político e econômico, participando direta ou indiretamente desse processo de maneira crítica.

Em virtude dessas circunstâncias, deve-se trazer à essência de que, da mesma forma como acontece em todo o Brasil, em Serra da Raiz/PB, a renda é muito mal distribuída. É o que se evidencia mediante a interpretação de alguns dos dados antes consultados no IBGE, além de que nessa mesma fonte consta que no ano de 2015, o PIB per capita da cidade foi igual a R\$ 8.607,21. Deve-se demonstrar ao aluno que, levando em conta tudo que foi produzido e dividido pelo número de habitantes, chega-se ao cociente da renda per capita e que esse é um importante indicador para medir o desenvolvimento da riqueza do lugar, porém, não suficiente para diagnosticar como a renda é repartida entre a população, ocultando, assim, fatores importantes como o IDH.

É um pequeno número de pessoas que fica com a maior parte das riquezas, sobrando para a maioria da população uma porção extremamente reduzida, em cuja pequena fatia, estão representadas as dificuldades sociais e o difícil acesso a melhores condições de vida, assim como uma grande diferença e desarmonia dos frutos provenientes do modelo político econômico difundido,²⁷ onde não só a desigualdade social, mas também a falta de solidariedade humana, o egocentrismo, são consequências da mera e injusta forma como se propaga o capitalismo. Semelhantemente, poucos concentram bens e renda em Serra da Raiz/PB, sobretudo, as elites políticas, outros dependem de auxílio dos benefícios sociais para a sobrevivência, como designa o IDEME²⁸ (Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual),

²⁷ Faz menção interpretativa à obra de SANTOS (2000).

²⁸ Fonte: Perfil do Município de Serra da Raiz/PB, IDEME (2013).

que na porcentagem da renda apropriada por estratos da população desse município, os 20% mais pobres obtém apenas 3,19%, enquanto os 20% mais ricos detém 53,55%.

Verificando o Portal dos Beneficiários do Programa Bolsa Família em Serra da Raiz/PB²⁹, o que também coincide com informações fornecidas pelo Centro de Referência e de Assistência Social do município (CRAS), que é o órgão do programa responsável pelos cadastros, o total de famílias inscritas no cadastro único para benefícios em dezembro de 2016 foi de 645 dentre as quais 352 com renda per capita familiar de até R\$ 85,00; 77 com renda per capita familiar entre R\$ 85,01 e R\$ 170,00; 135 com renda per capita familiar entre R\$ 170,01 e meio salário mínimo; 81 com renda per capita familiar acima de meio salário mínimo. O programa bolsa família ainda beneficiou em fevereiro de 2017, 400 famílias, representando uma cobertura de 84% da estimativa de famílias pobres do município. As famílias receberam benefícios com valor médio de R\$ 190,59 e o total transferido pelo governo federal em benefícios às famílias atendidas alcançou R\$ 76.236,00 no mês. Atualmente, existem 442 famílias inscritas nesse programa pelo município, cujo limite superior da incidência de pobreza chega aos 73,14%.

Todavia, são extremamente necessários os debates em sala de aula para se compreender o porquê das más condições de vida de grande parcela da população, bem como a razão das restritas possibilidades e oportunidades sem que haja um desenvolvimento social efetivo, porquanto, o desfecho para esse estudo do lugar propõe a leitura do real e que não se omitam as tensões e contradições, mas que haja comprometimento com a justiça social para iniciar as correções das desigualdades socioeconômicas. Tais deferências podem ser apresentadas a partir de indicadores como o IDH que, para o município, o IBGE apresentou o número mediano de 0,626, numa faixa de 0 a 1, mas levando em conta os critérios, seriam satisfatórios: a saúde, a habitação, o saneamento, a própria alimentação? E a escolaridade, o poder de compra? Tudo se insere na perversão de desenvolvimento político e econômico que não distribui a riqueza com equidade, que não garante as melhorias das condições de vida dos habitantes do lugar, do país, de outras partes do mundo.

Em linhas gerais, o esclarecimento em sala de aula sobre todo esse conjunto de problemáticas abordado é fundamental, sobretudo, para escrutinar a morfologia da cidade de Serra da Raiz/PB, como também é relevante examinar as especificidades para recompor as afinidades e o significado que representa essa pequena cidade para cada aluno em particular. Dessa forma, os vínculos da relação de pertencimento podem ser estreitados sobremaneira, em

²⁹ Disponível em serrada-raiz.pb.beneficiarios.org/bolsa-familia.

simetria do desenvolvimento de estruturas para descartar válvulas de escape e subversão do cotidiano, além das ofertas para imperativa relação de poder.

A despeito, sobre o cotidiano, é fundamental que o indivíduo saia da “Matrix,”³⁰ saia da “caverna,”³¹ passe a ter autonomia sobre a própria vida, para compor sua efetiva emancipação e conduzir-se na luta por seus ideais, cuja plenitude se achem no gozo dos direitos e na dignidade da cidadania enquanto cidadão serrano raizense, não se contentando e conformando com quaisquer que sejam as vantagens desprezíveis da politicaria, ou mesmo com o lúdico das tão presentes políticas semelhantes às de “pão e circo”, mas que a criticidade floresça mediante a experiência do processo educacional e no uso do conhecimento geográfico adquirido.

Por outro lado, existem no lugar, como grandes preciosidades do cotidiano, temas que podem aprimorar o conhecimento dos alunos, como a própria tradicional festa do Senhor do Bom Fim, comemorada no dia 31 de dezembro, reunindo tantos filhos de Serra da Raiz/PB dentre os residentes e aqueles que tiveram que se distanciar da cidade principalmente em busca de trabalho; como a festa de emancipação política em 21 de janeiro, que exprime tamanha importância e civilidade, referenciando, juntamente, o São João da Serra por vários dias do mês de junho, que estampa a produção agrícola local com o potencial em variedades de produtos para as tradições das comidas típicas, uma união entre o rural e o urbano, sobre apresentação de muitas danças e aspectos da musicalidade regional nordestina.

As festas agrupam “as celebridades públicas destinadas a comemorar periodicamente um fato memorável, um evento, um herói etc.” Em todos os casos trata-se de uma celebração em honra de algo ou alguém. Melhor ainda, a palavra festa é utilizada para evocar uma parte de prazer (“noite de prazer”) ou qualquer coisa de grande prazer. Calendário, evento, memória, cerimônia, comemoração, periodicidade, festejo e distração: os principais caracteres da festa são expostos. Os principais elementos de dificuldade também: articulação entre religioso e laico, culto e mercantilização, prazer pessoal e prazer coletivo, evento e vida cotidiana, exceção e periodicidade, extraordinário e ordinário, organização e espontaneidade, deleite e solenidade, grupo e indivíduo, “eu” e “nós”, passado e presente, memórias, espaço e tempo (GWIAZDZINSKI, 2011, p. 337).

A respeito, os atributos entre Serra da Raiz/PB e os eventos festivos são passivos de um resultado construtivo graças à condição de reunir a população para um momento de descontração, um instante de diversidade e cultura, ou mesmo do simbolismo das tradições que

³⁰ A produção cinematográfica lançada em 1999, *The Matrix*, recria, interpretativamente, a possibilidade de desconectar-se das amarras sistêmicas e míticas impostas ao nosso mundo circundante. Dessa forma, o termo foi referido com o significado de o aluno passar a enxergar a realidade, ter uma visão ampla e crítica para assumir um novo comportamento diante do cotidiano.

³¹ Alude-se ao mito da caverna, Platão.

promovem a identidade do lugar. Considerando, da mesma forma, a faculdade de esgotamento e superação de pretensões limitadas por interesses ou ofertas partidárias, um confronto com mecanismos de redução sobre as manifestações que deveriam dar destaque ao patrimônio da cidade que, pormenores, tais eventos também tendem a instrumentalizar, igualmente, a afirmação da influência e reputação que as autoridades exercem sobre os espaços e os anseios da população. A introdução de Serra da Raiz/PB na promissora solenidade regional designada como rota cultural “Raízes do Brejo”³² ainda desaponta por conferir semelhantes padrões de clientelismo eleitoreiros e de privilégios cronológicos, não coincidindo, ainda, com a ascensão dos fatores agregados ao potencial histórico e cultural do lugar.

Porventura, esses ensejos também se constituem em intrínsecos e fiéis retratos que possibilitam aflorar a realidade social, econômica, cultural e política de Serra da Raiz/PB, fatores elevados no foco de toda esta narrativa por conterem particularidades essenciais e de carência elucidativa, pois caracterizam e evidenciam a dinamicidade das relações e circunstâncias espaciais do mundo próximo dos alunos, como também dos demais concidadãos, criando, por fim, o elo manifesto e material para um ensino geográfico essencialmente fecundo, através da capacidade do esboço contextual, no uso das atribuições e da terminologia do estudo sobre o lugar e do cotidiano, lançando mão diante do estimável atributo desta ferramenta pedagógica, em recriar a capacidade de o educando pensar, refletir e enxergar o real. Assim, passa a esforçar-se em fazer uso de mecanismos educacionais contra as imposições sistêmicas.

³² Raízes do Brejo: eventos projetados pelo Governo do Estado da Paraíba em um total de oito cidades contempladas, dentre elas, Serra da Raiz/PB. A primeira edição foi no ano de 2017, cuja programação, ainda tímida nos requisitos básicos, contou com roteiros históricos, étlicos, gastronômicos e musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de um melhor ensino sobre o lugar e cotidiano nas escolas de Serra da Raiz/PB pode representar de forma significativa o paradoxo que existe entre lecionar os interesses dos estudantes e os objetivos educacionais preestabelecidos pelo Estado, além do comportamento e o posicionamento dos professores diante desse fato. Toda a abordagem desempenhou um papel de denúncia das falhas do sistema educacional brasileiro fazendo descrições sobre a realidade escolar diante dos contextos sociais, econômicos e culturais, por conseguinte, o efeito sobre os estudantes de ensino fundamental e médio que estão numa fase de descobertas e de construção de identidade, que apesar disso eles não se balizam, na maioria das vezes, no que é ensinado nas escolas.

Foi nessa perspectiva que se argumentou sobre o ensino e aprendizagem ofertados, planejados e organizados pela escola e que demonstram uma potencial deficiência em confronto com o nível proporcional das experiências pedagógicas oferecidas por alguns professores. Muitas aulas são tediosas e ministradas com tamanho despreparo que traz marcas negativas que chegam a sufocar a boa relação entre conteúdo, professor e aluno, ofuscando a importância e também o afeto que esse relacionamento tem para a vida principalmente do estudante.

A problemática da educação vem desde décadas passadas e as mudanças foram graduais quando comparada aos dias atuais: além do aparato estrutural, o currículo não é satisfatório. A Geografia se insere nesse contexto onde a missão do professor é de intervir com eficiência³³ e proporcionar a evolução do ensino nas escolas para que os reflexos se concretizem no campo social, consolidando o ensino como instrumento de cidadania e de realização de sujeitos emancipadores, diminuindo assim as distâncias e vários males como a violência, intolerâncias e o preconceito. Evidentemente, a situação possibilita enxergar inúmeras formas de como aprimorar a educação nas escolas, embora os desafios sejam gigantescos, a iniciativa e a atitude de cada professor pode contribuir imensamente como o primeiro passo de valorizar o relacionamento aberto com os alunos, o que proporcionaria momentos produtivos e capazes de quebrar os velhos paradigmas e tradicionais métodos de ensino, pois é enorme a importância de um posicionamento que conquiste o respeito e sele essa relação, com certeza, um grande passo para a educação, para o estudante e para o professor.

³³ Intervir com eficiência remete às várias proposições de enriquecer o ensino de Geografia na sala de aula, dentre métodos e conteúdos presentes na obra de Rua et al. (1993).

A realidade encontrada nas escolas de Serra da Raiz/PB é a mesma que caracterizou a reprodução da ênfase dada à necessidade de o professor transformar o ambiente da sala de aula perante as adversidades enfrentadas por ele e alunos, num espaço escolar e até mesmo social em desmedido desequilíbrio, bem como da conveniência da utilização dos meios possíveis para um melhor aprendizado do ensino da disciplina por intermédio de práticas didáticas aperfeiçoadas. A postura do professor deve denotar um considerável amadurecimento que compreenda a persistência contra inúmeros obstáculos contrapostos à atividade docente.

A criatividade e a disposição em ousar e experimentar maneiras alternativas do modo de ensinar podem lograr êxito nos resultados da aprendizagem, demonstrando que mesmo diante dos limites do sistema público, escassez de recursos e estado de incertezas das políticas educacionais, é possível se disponibilizar para ver as coisas pelo lado bom e esperar sempre um resultado favorável, mesmo nas situações mais difíceis. Assim, faz-se realmente necessária uma atitude de renovação de postura do professor na sala de aula, com maior diálogo entre professor e aluno, como também das informações estudadas, resultando na ampliação do conhecimento, não só o geográfico, com a aproximação e utilização de técnicas mais eficientes de ensino.

Portanto, infere-se que há muito o que se fazer: a mudança didática metodológica poderá transformar a sala de aula e potencializar a influência da Geografia, onde o estudo do lugar e cotidiano é uma das alternativas a serem veiculadas para promover informações e valores. A amplitude desta questão se tornará mais perceptível quando for possível ver nos alunos transformações que estejam claramente relacionadas a essa influência, nesse ínterim, propõe-se uma Geografia não apenas como um programa de estudos ou de aprendizagem regulamente prescrita, mas, como aquilo que acontece objetivamente ao aluno como resultado da escolarização enquanto experiência de vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Um imenso lápis vermelho. In: **Coletânea de textos, Módulo 2**. Equipe pedagógica do Programa de Professores Alfabetizadores – PROFA. Brasília: MEC, 2001.
- ABREU, Capistrano de. **Diálogos das grandezas do Brasil**. Salvador: Progresso, 1956.
- ABREU, Mauricio de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial. **Cidades Revista Científica**, v.8, n. 14, Presidente Prudente: julho a dezembro de 2011, p. 539-568.
- AESA. Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. **Caracterização das bacias hidrográficas do estado da Paraíba**. Recife, 2006. Disponível em www.aesa.pb.gov.br/aesa-website/wp-content/uploads/2016/11/PE_02.pdf. Acesso em: 04 out. 2018.
- ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba, Tomo I**. João Pessoa: Imprensa Universitária. 1966.
- ALMEIDA, José Américo de. O homem paraibano: uma interpretação psico-social. In: OCTÁVIO, José; RODRIGUES, Gonzaga (Org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. 2. ed. João Pessoa: Edições Grafset, 1993, p. 177-182.
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 93-116.
- BEZERRA, Josineide S. **Novos municípios, velhas políticas: práticas de emancipação distrital e estratégias de reprodução política na Paraíba**. 2016. 245f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- BORGES, José Elias. Índios Paraibanos: classificação preliminar. In: OCTÁVIO, José; RODRIGUES, Gonzaga (Org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. 2. ed. João Pessoa: Edições Grafset, 1993, p. 21-42.
- CABRAL, Julio César Miguel de Aquino. **A fabricação do outro: as representações do povo na obra Figuras e Paisagens do Padre Luís Gonzaga de Oliveira (1948 – 1959)**. 2018. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 83-167.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar, mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et al (Org.). **O novo mapa do mundo fim de século e globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 303- 309.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

- CHIARA, Vilma. **Contribuição da antropologia para a interpretação dos resultados de pesquisas em arqueologia pré-histórica**. São Paulo: USP, 1978.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1954.
- CORREA, Roberto Lobato. Espaço e tempo: um tributo a Mauricio de Abreu. **Cidades Revista Científica**, v.8, n. 14, Presidente Prudente: julho a dezembro de 2011, p. 597-607.
- CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastramento de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Serra da Raiz**. Recife, 2005. Disponível em <http://www.cprm.gov.br/pulique/Hidrologia/Mapas-e-Publicacoes/Paraiba---Atlas-Digital-dos-Recursos-Hidricos-Subterraneos-4610.html>. Acesso em: 03 out. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Loyola, 1993.
- GIBBIM, Béatrice. A Geografia, disciplina subjugada ou a história de uma batalha perdida para a Geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 135-160.
- GWIAZDZINSKI, Luc. A cidade por intermitência: do tempo da festa a um urbanismo dos tempos. **Cidades Revista Científica**, v. 8, n. 13, Presidente Prudente: janeiro a julho de 2011, p. 336-357.
- IDEME. Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba. **Perfil do município de Serra da Raiz/PB**. João Pessoa, 2013. Disponível em ideme.pb.gov.br/serviços/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil-serra-da-raiz_pb.pdf. Acesso em 03 out. 2018.
- JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Parahyba**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 1977.
- LEONARD, Annie. **A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MADRUGA, Manuel. **Serra da Raiz**. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Comércio, 1955.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: _____; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 227-247.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste**. Recife: UFPE, 1996.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba**: lutas e resistências. João Pessoa: A União, 1994.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Representando e refazendo uma prática de estágio no ensino de geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). **Geografia e ensino**: textos críticos. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 117-133.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: _____; MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther (Org.). **Qual o espaço do lugar**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 3-16.

OLIVEIRA, Luís Gonzaga de. **Quadros de minha infância**. Paraíba: 1960.

RUA, João et al. **Para ensinar geografia**. Contribuição para o trabalho com 1 e 2 graus. Rio de Janeiro: ACC e SS Editora, 1993.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Ocorrências de itacoatiaras na Paraíba**. João Pessoa: JRC Gráfica e Editora, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

_____; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

SILVA, José Borzacchiello da. Geografia Urbana, uma agenda nacional. **Cidades Revista Científica**, v. 7, n. 12, Presidente Prudente: julho a dezembro de 2010, p. 191-205.

SOUSA, Maria Gláucia de. **Estudo geográfico e cultural sobre A Loca da Nega**: Serra da Raiz – PB. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. Histórias da arqueologia brasileira. In: **Pesquisas (antropologia)**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de pesquisas, 1991.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TEIXEIRA FILHO, Antônio. **A queda do agave e o choro dos agavistas**. (Literatura de cordel), S/D.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da geografia. In: _____ (Org.). **Geografia e ensino**: textos críticos. 3 ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 161-179.